

40 ANOS

CASA

VOGUE

262

INÉDITO
Philippe e Jasmine Starck
na residência do casal
em Burano, na Itália

*EDIÇÃO
ESPECIAL
ASSINADA
POR*

PHILIPPE Starck

O DESIGNER MAIS FAMOSO DO MUNDO É NOSSO!
AS ESCOLHAS PRECIOSAS E O LIFESTYLE DESTE MESTRE
DA INOVAÇÃO REVELAM: **É CHIC SER VOCÊ MESMO**



188

26 EXPEDIENTE
28 COLABORADORES
30 CASAVOGUE.COM.BR
33 EDITORIAL

35 ANTENA

36 NEWS A força do *off*-Biennale e estreias triunfais
54 **SHOPPING** As escolhas democráticas de Philippe Starck
64 **ABERTURA TOG** São Paulo: uma *flagship store* inovadora
68 **DESIGN** *The best of Maison&Objet* Miami e ICFE Nova York
74 **BIENAL** Veneza em mares de tormenta
80 **ARTE** Milão se veste de Fondazione Prada

85 ESTILO

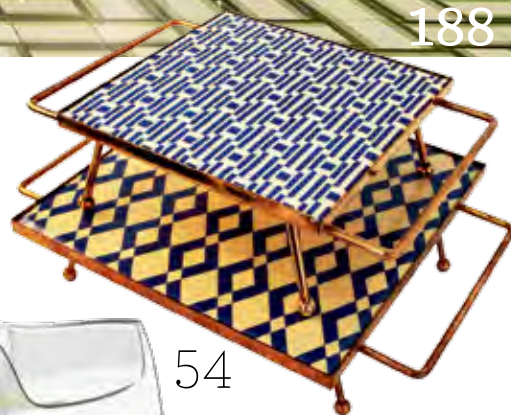
86 STARCK Humor e elegância em projetos de hotéis e restaurantes
92 **TENDÊNCIA** *High* décor para a *high* arquitetura do Edifício Vitra
100 **OBJETO** De cores e transparências
110 **ARQUITETURA** Hotel Okura: modernismo para ficar na memória
114 **INSPIRAÇÃO** Peças puzzle para exercitar a criatividade

117 GENTE

118 NO DESIGN Cinco superapostas de Philippe Starck
122 **ENTRE 4 PAREDES** Com quantas revoluções se faz um *popstarck*



54



NOSSA CAPA
O casal Philippe e Jasmine Starck em sua residência na ilha de Burano, na Itália.
Foto: Giacomo Bretzel.

114



133

198



100



133 ESPECIAL

Lençóis, mantas e colchas com apelo fashion

139 UNIVERSO CASA VOGUE

- 140** Philippe e Jasmine Starck buscam a essência das coisas na ilha de **Burano**, na Itália. Cercada de água, a casa despojada é o *starting point* para conexões vitais com aquela sociedade e com o mundo
- 150** Carolina Maluhy reformou sua morada, em **São Paulo**, com veia racionalista combinada a farta dose de imaginação. Minimalismo e liberdade mesclam-se em espaços fluidos emoldurados pelo verde
- 156** Brooklyn, **Nova York**. Em um loft com nada menos que 800 m², a produtora Carin Scheve concebeu com o marido um ambiente flexível no qual morar com estilo e trabalhar sem restrições são um só
- 164** No centro de **São Paulo**, o tradutor Paulo Kaiser, com a ajuda do consultor Aldi Flosi, fez de camadas e camadas de vivências, leituras, coleções e predileções um décor-patchwork pessoal e intransferível
- 174** Laureen Rossouw teve o privilégio de estreiar a fase residencial de um mito art déco da **Cidade do Cabo**, o edifício Mutual Heights. Seu apartamento é uma lição de como unir o luxo à casualidade
- 182** Com *boiseries*, cores antiguihas e um sem fim de peças curiosas colhidas durante a vida, a diretora de arte Carrô Schamall criou, em **São Paulo**, um mundo particular: sua casa personalíssima
- 188** Como harmonizar design *high-end* e itens artesanais sem perder a mão? Na **Cidade da Guatemala**, Rodman Primack e Rudy Weissenberg equilibraram o melhor do desenho com o exotismo dos tons locais

197 LAZER

- 198** **VIAGEM** Philippe Starck revela seu *world tour* ideal
- 202** **HOTEL** Em NY, a Baccarat inaugura um ícone da hospitalidade

238 ENDEREÇOS

242 LAST LOOK

Starck em Metz: brutalidade x poesia

FOTOS, VÍDEOS, EVENTOS, NOTÍCIAS E CONTEÚDOS EXCLUSIVOS NO NOSSO SITE

casavogue.com.br



PINTEREST

LIBERDADE CRIATIVA

Durante quatro décadas de carreira, Philippe Starck deu vida a uma coleção eclética de aproximadamente 10 mil projetos. Neste mês, o francês compartilha com a *Casa Vogue*, em um *board* especial do nosso Pinterest, uma seleção caprichada de suas invenções



INTERIORES

OUSADIA SEM LIMITES

Christina Karras cunhou, em um lar da Califórnia, uma decoração digna dos corajosos: camadas de cor, tramas e elementos se descortinam num mix único



LAZER

MODERNISMO ATEMPORAL

Rodolphe Parente orquestrou um baile de linhas e tons para dar origem aos sofisticados ambientes do restaurante Yeeels, em Paris



COLUNAS

DESIGN HANDMADE

Nossa editora de cultura e *lifestyle*, Beta Germano, visitou o ateliê do estúdio 80e8 e revela de onde vêm as ideias para as criações experimentais da dupla



NO TABLET

A edição de junho completa, com conteúdo extra e muita interatividade



SHOPPING

DÉCOR MINERAL

Um garimpo de peças que apostam no luxo natural das texturas de pedras como mármore, ágata e quartzo

Fotos: Gui Gomes (Pinterest), Olivier Ansellem (Lazer), Bruno Simões (Colunas) e divulgação

SIGA-NOS:





Fotos: Marcio Del Nero

Philippe e Jasmine Starck estiveram conosco, na redação, verificando cada detalhe desta edição



40 ANOS CASA VOGUE



Dentre as comemorações do nosso 40º aniversário, queríamos convidar um *big shot* para assinar uma edição da revista conosco. E por que não o designer mais famoso do mundo, aquele com 10 mil projetos assinados, que passa mais tempo viajando a negócios do que curtindo suas (incontáveis) residências, aquela mente brilhante que trabalha de sol a sol e se alimenta de sonhos? Sim, queríamos Philippe Starck! Apesar de achar nosso desejo um tanto audacioso, escrevi à sua assessora às vésperas do Salão de Milão, pedindo um momento com ele e sua mulher-braço-direito, Jasmine, para falarmos pessoalmente sobre a minha ideia. Na primeira noite, em Milão, dou de cara com os dois. Jasmine ainda não sabia do assunto, e marcamos uma reunião no dia seguinte, na feira. Após a coletiva de imprensa da TOG, conversamos rapidamente e eles... Toparam a parada. Não sei como dormi aquela madrugada: o sujeito que nega 90% das propostas de trabalho que recebe e escolhe a dedo seus clientes havia aceitado ser o *guest editor* da edição de junho da *Casa Vogue*! Tema? O estilo Starck de ser: democrático, eclético, irônico, autêntico, vanguardista e cheio de personalidade. Nosso compromisso: mandar infinitas opções de cada seção para ele selecionar, dos itens de shopping às casas no Brasil e no mundo. Aproveitamos, também, para conhecer um pouco mais do seu estilo irreverente e sua cabeça invejável, descobrir quem são os talentos em sua mira e entrar (um pouquinho) em sua intimidade. Sim, fotografamos uma de suas casas, em Burano, na Itália, que ele mostra, aqui, em exclusiva mundial. E mais uma série de facetas Starck que vocês vão desvendar a cada página. A maior lição de todas: ser você mesmo. *Merci*, Starck!

TAISSA BUESCU
DIRETORA DE REDAÇÃO

VEJA VÍDEO
COM PHILIPPE
STARCK
SOBRE ESTA
EDIÇÃO
ESPECIAL

MINIMALISMO ESCANDINAVO, DESCONTRACÃO ESPANHOLA

Lançamento da Fritz Hansen no Salão do Móvel de Milão que aconteceu em abril, a **poltrona Fri** aporta no Brasil. Assinada pelo designer espanhol Jaime Hayon, a peça é uma derivação da poltrona Ro, que além de convidar a momentos de relax, incentiva a interação com o ambiente – a característica mais “extrovertida” se deve à ausência de abas laterais. À venda exclusivamente na Atec Original Design. www.atec.com.br



meu mel

Com uma dose do *laid back* carioca e um perfume do Velho Mundo, o antiquário **Arnaldo Danenberg** abre suas portas, em São Paulo, em um espaço de 500 m² assinado por Dado Castello Branco na r. da Consolação, 3.058. Assim como na loja do Rio, os móveis de madeira no tom mel preponderam e são frutos da pesquisa e do garimpo de Arnaldo em suas incursões pela Europa. Destinam-se mais às casas de praia e campo, mas, por sua bossa, podem ficar estupendos no décor urbano. arnaldodanenberg.com.br

STARCK PARADISE

Se o objetivo da **Cyrela** é investir, cada vez mais, no mercado de luxo, a construtora brasileira não podia ter escolhido parceiro melhor: a YOO Architecture, escritório fundado por **Philippe Starck** famoso pelo décor de hotéis e edifícios de luxo, vai criar dez projetos em São Paulo e Rio de Janeiro. O primeiro, em frente ao Pininfarina e a 20 metros da av. Faria Lima, terá apartamentos com 6,20 m de pé-direito. Entre os atrativos das áreas comuns, uma piscina olímpica com jardins e *pool houses* privadas. www.cyrela.com.br

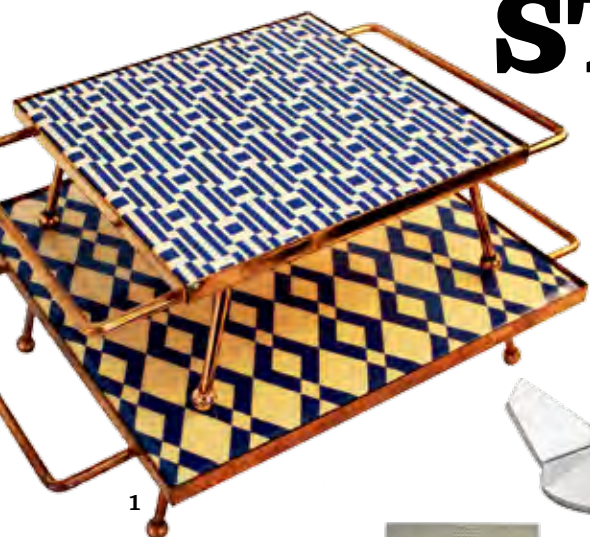


INSPIRAÇÃO CUBISTA

Parte da coleção 2015 da **Carbono Design**, a mesa C 47 chama a atenção por sua curiosa base de ferro cujas linhas formam desenhos que lembram um quadro de Mondrian. Criada pelo designer Marcus Ferreira, tem medidas (1,20 x 1,20 m) que se encaixam perfeitamente em apartamentos de áreas enxutas e serve bem como mesa de jantar para duas pessoas, ou pode virar uma interessante base de apoio para o trabalho no home office. Tem tampo de MDF e acabamento de pintura eletrostática. www.carbonodesign.com.br

STARCK APOSTA!

DESIGNER MAIS DEMOCRÁTICO DO MUNDO, PHILIPPE STARCK AJUDOU CASA VOGUE A ESCOLHER PEÇAS COM PREÇOS HONESTOS E DESENHO CHEIO DE PERSONALIDADE
POR NATÁLIA MARTUCCI



1



2



3



4

7

6

8



5



9

ATÉ R\$ 500

1 Bandejas Pedestal (2015), da coleção Mix and Match, de cerâmica e alumínio com banho de cobre, 15 x 7,5 x 15 cm e 20 x 3 x 20 cm, de Flavia del Pra, R\$ 190 e R\$ 200 **2 Castiçal Asa**, de aço cromado, 11 x 3,5 x 14 cm, design NeuteChvaicer, na Carbono, R\$ 200 **3 Cadeiras Volta** (2015), de aço-carbono, freijó e lona, 50 x 84 x 53 cm, design Fernando Jaeger, na FJ Pronto para Levar, R\$ 358 cada **4 Mata-moscas Dr Skud**, de poliamida, 9,5 x 44 cm, design Philippe Starck para Alessi, na Benedixt, R\$ 94 cada **5 Escorredor Folding Colander**, dobrável, de polipropileno, 27 x 14 x 22 cm, da Joseph Joseph, na Doural, R\$ 71,90 **6 Abridor** de aço inox com acabamento titânio dourado, 14 x 5 cm, design Zanini de Zanine para Riva, na Roberto Simões, R\$ 123 **7 Bowls** de fibra de bambu, de 5 x 12 cm de diâm. a 12 x 24 cm de diâm., da Bambooware, na Amoreira, de R\$ 60 a R\$ 280 cada **8 Copos** da coleção Machine (2015), de vidro, 13 x 8,7 cm de diâm., design Diesel Living para Seletti, na Conceito: Firma Casa, R\$ 228 o set com três **9 Vasos** da coleção Horizonte (2015), de porcelana líquida, 17 x 19 x 16 cm (cachepô), 22 x 12 cm de diâm. (médio) e 41 x 16 cm de diâm. (grande), de Heloisa Galvão, R\$ 500 cada



**DE R\$ 500
A R\$ 1.500**

1 Luminária Norm69 Small, de polipropileno, 42 cm de diâm., design Simon Karkov para Normann Copenhagen, na Scandinavia Designs, R\$ 600 **2**

Mesa de apoio ZZ, de ferro e plástico, 40 x 50 cm de diâm., design Michèle Nexer, na Conceito: Firma Casa, R\$ 642 **3**

Pá de servir bolo Ceci n'est pas une Truelle, de aço inox e madeira de bordo, 25,3 x 6,9 x 7,8 cm, design Philippe Starck para Alessi, na Benedixt, R\$ 672 **4**

Luminária Mayday, de polipropileno, 53 x 22 cm de diâm., design Konstantin Grcic para Flos, na Poeira, R\$ 770 **5**

Vaso Azul (2015), de vidro, metal, madeira e cerâmica, 23 x 10 cm de diâm., da Montageart, R\$ 750 **6**

Vaso chinês, de bambu prensado e pintado, 72 x 27 cm de diâm., no Studio Bergamin, R\$ 630 **7**

Estante Perfil, e ferro com pintura epóxi preta e prateleiras de MDF com acabamento laqueado, 0,90 x 1,70 x 0,36 m, da Oppa, R\$ 959 **8**

Fruteira Toledo, de aço inox com acabamento titânio ouro, 49 x 29 x 21 cm, design Rubens Simões para Riva, na Presentes Mickey, R\$ 520 **9**

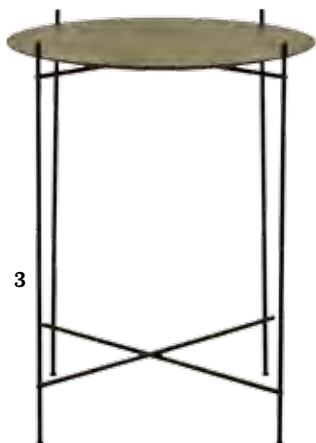
Prato de porcelana, 26 cm de diâm., da Fornasetti, na Farfetch, R\$ 900



DE R\$ 1.500
A R\$ 3 MIL

1 Banco Mocho (1954), de tauari, 37 x 40 cm de diâm., design Sergio Rodrigues, na Way Design, R\$ 2.094
2 Banqueta Pupa (2015), de freijó e aros de aço-carbono, 69 x 38 cm de diâm., design Gustavo Pianetti, da Anno, R\$ 1.750 cada
3 Gaveteiro Componibili, de ABS, 40 x 32 cm de diâm., design Anna Castelli Ferrieri para Kartell, R\$ 1.625,29
4 Cama Casinha, de MDF e pínus, 1,60 x 1,50 x 0,80 m, da Bododo, R\$ 2.850
5 Bowl Kyrghyz (2015), de lã de ovelha, 31 x 40 cm de diâm., de Ines Schertel, R\$ 1.800
6 Poltrona Light Rock, de polipropileno, 0,83 x 1,02 x 0,71 m, design Philippe Starck para TOG, R\$ 2.300
7 Luminária Casulo, de cristal soprado, 17 x 15 cm de diâm., de Jacqueline Terpins, R\$ 2.356
8 Cadeira Nagasaki, de aço pintado, 54 x 74 x 50 cm, design Mathieu Matégot, reeditada pela Gubi, na Scandinavia Designs, R\$ 2.800





DE R\$ 3 MIL
A R\$ 5 MIL

1 **Escrivaninha** Envelop, de madeira bordo pintada, 1,14 x 0,83 x 0,76 m, design Bill Stumpf e Jeff Weber para Herman Miller, na COD, a partir de R\$ 3.780

2 **Mesas laterais** Coninha Concreto, Coninha Crinolina e Coninha Jequitibá (2015), com bases de concreto, aço pintado e jequitibá, e tampos de aço, 56 x 35 cm de diâm., design Alfio Lisi, da Dpot, R\$ 2.900 (Concreto), R\$ 4.610 (Crinolina) e R\$ 3.272 (Jequitibá) **3** **Mesa lateral** Matrix, de latão com tampo de metal revestido de galuchat, 70 x 60 cm de diâm., da Vermeil, R\$ 4.480 **4** **Tapete** kilim Valiz, do Afeganistão, de lã e algodão, 2,10 x 2,89 m, na Século Tapetes, R\$ 4.248 **5** **Gaveteiro** Grande, estrutura de pinus, tampo de taco reaproveitável e gavetas de MDF com acabamento de laca fosca, 1,59 x 0,95 x 0,51 m, design Roni Hirsch, na Estar Móveis, R\$ 3.565 **6** **Pufe** Bovist, revestido de viscose e linho, 38 x 54 cm de diâm., design Hella Jongerius para Vitra, na Novo Ambiente, R\$ 3.552 **7** **Bancos** Full Fire Trunk, de carvalho e corda de aço, 45 x 30 cm de diâm., design Malafor Design Laboratory, na Design Supplier, R\$ 3.154,99 cada **8** **Espelho** 345, de carvalho-americano, aço-carbono, vidro e ônix, 0,50 x 1,20 x 0,20 m, design Jader Almeida pra Sollos, na Icon Interiores, R\$ 4.930 **9** **Poltrona** Uncle Jim, de polipropileno, 0,72 x 1,03 x 0,68 m, design Philippe Starck para Kartell, na Italica Casa, R\$ 3.500 ●



SOMOS TODOS DESIGNERS

LIBERDADE DE CRIAÇÃO É A NOVA ORDEM. A TOG, PENSADA POR PHILIPPE STARCK, ABRE SUA *FLAGSHIP STORE* GLOBAL, EM SÃO PAULO, OFERECENDO MÓVEIS ACESSÍVEIS QUE PODEM SER PERSONALIZADOS
 POR ARTUR DE ANDRADE
 FOTOS GUI GOMES E DIVULGAÇÃO

PHILIPPE STARCK, 66 ANOS, mais uma vez estremece tudo. Subverte as regras do jogo e pede mudança. Ele esteve em São Paulo, no mês passado, para a abertura da primeira TOG do mundo, uma *flagship store* de 2.200 m² que, em suas palavras, não é uma loja. “É a caverna do Ali Baba. Uma antiga e grandiosa fábrica transformada em um espaço onde se pode viver algo especial”, disse em entrevista à *Casa Vogue*.

A TOG tem por filosofia unir designers, fabricantes, artesãos e consumidores numa comunidade em que – privilégio! – a centelha criativa pouso sobre todos. Starck é o criador-mor desta que “não é uma marca de móveis”, lançada em Milão, em 2014, em parceria com a Grendene. “Me orgulho em dizer que a TOG é revolução em design. Trinta anos atrás democratizei o desenho industrial com as peças de plástico injetado. As pessoas ficaram felizes com seu mobiliário de qualidade a preço acessível. Mas passaram a buscar coisas diferentes, porque elas são diferentes. Idealizei a TOG para unir dois mundos paradoxais: o cerebral, industrial, da máquina e da tecnologia com o artesanal e o customizável”.

Policarbonato, polietileno e alumínio dão vida, na Itália, a peças sob o conceito do *naked design* que convidam à personalização, em quatro níveis: escolha da cor do móvel e da forma de seu encosto via e-commerce; na loja, finalização do item com mesas de apoio, colchonetes e outros elementos; uso do encosto de cadeiras como display para estampar mensagens, desenhos ou fotos pessoais; e ainda a customização por artistas e designers. “Pelo *app* TOG, há uma lista de criativos aptos à negociação particular. E, assim, o consumidor recebe sua peça única em casa. Para encerrar, tem a *open source*, alguns itens disponíveis pela internet para que o usuário altere *shapes*, dimensões e cores e os imprima em 3D.



Starck é *art director* da loja projetada pelo escritório Triptyque, inaugurada com uma filial do restaurante Marakuthai, chefiado por Renata Vanzetto. Trata-se de um palco aberto: “Existe espaço para crianças, música, estúdio fotográfico, apresentações e instalações. Móveis? Só se você precisar”, diz ele. De forma despojada, espalham-se, ali, peças assinadas pelo time TOG: Philippe Starck, Nicola Papetti, Ambroise Maggiar, Dai Sugawawa, Sebastian Bergne, Sam Hecht + Kim Colin e Antonio Citterio. Para a próxima coleção, há previsão de designers brasileiros somarem-se à lista. Mas, por ora, nomes locais como Marcelo Rosenbaum e o Fetiche, Maurício Arruda, Chiara Gadaleta e Marko e Teka Brajovic respondem por customizações.

E qual o papel do design democrático e personalizado senão fazer um lar mais alegre e único? Entre declarações de simpatia pelos brasileiros – “pessoas *fresh in design*, brincalhonas e abertas” –, Starck dá sua lição: “Tendências não importam, é preciso ser você mesmo. Vale, nessa ordem: estar com a pessoa amada, ter fogo por perto, ficar atento à qualidade da luz, da vista, dos materiais, do seu travesseiro e de sua roupa de cama, e colocar a cozinha na sala ou a sala na cozinha”. *Voilà!* ●

TOG – R. IGUATEMI, 236, SÃO PAULO, SP;
 WWW.TOGALLCREATORSTOGETHER.COM.BR



Ao lado, peça customizada por Chiara Gadaleta à frente do mantra da TOG; acima, à esq., ambientes do restaurante Marakuthai, na *flagship*; à dir., cadeira Joa Sekoya, design Starck, customizada por Marcelo Rosenbaum e o Fetiche; e, abaixo, cadeiras Misa Joy, de Starck, com encosto que pode ser personalizado



Ao lado, os designers Nicola Papetti (à esq.), Ambroise Maggiar e Philippe Starck; e, no alto, bancos-ossos Os Hen, design Dai Sugawawa, na *flagship* paulistana



irreverência três chic

DENTRE OS INÚMEROS PROJETOS DE INTERIORES ASSINADOS POR PHILIPPE STARCK, HOTÉIS E RESTAURANTES TÊM LUGAR ESPECIAL. O FRANCÊS É MESTRE NA ARTE DE CRIAR AMBIENTES PARA HOSPITALIDADE: AQUI, RECORDAMOS ENDEREÇOS INESQUECÍVEIS QUE SAÍRAM DE SUA PRANCHETA PLURAL POR WINNIE BASTIAN

CAFFÈ STERN 2014

Instalado na antiga loja da tradicionalíssima tipografia parisiense Stern – um local classificado como patrimônio francês, dentro da galeria Passage des Panoramas, construída no século 18 –, o café mantém o ar antiguiño, mas ganhou detalhes que saltam aos olhos, como reluzentes banquetas de alumínio fundido e uma vitrine com um lobo e um lince empalhados, enfeitados com colares de brilhantes. “Mexemos pouco neste lugar histórico, apenas aperfeiçoamos a magia existente. Visitar o Caffè Stern é viajar através do tempo, da história, da cultura. Um convite à criatividade e à excelência. Nossa contribuição tinha a ver com mágica, poesia, surrealismo e, claro, comida”, conta Starck.

caffestern.fr

Fotos: Francis A miand (Mama Shelter), Philippe Garcia (Royal Monceau), Sophie Delaporte (Miss Ko) e divulgação

CAFÉ COSTES 1984

Ao lado da ambientação criada para a residência oficial do presidente François Mitterrand no Palais de l’Elysée, em 1982, o projeto do extinto Café Costes, também em Paris, chamou a atenção mundial para o nome de Philippe Starck. O décor, inspirado em uma estação de trem em Budapeste, já trazia a carga cenográfica que caracteriza os interiores do francês, como um relógio em escala gigantesca, ocupando quase toda uma parede. Mas o grande atrativo do lugar eram as cadeiras com perfume art déco, que, reza a lenda, possuíam apenas três pernas para que os garçons tivessem menos chances de tropeçar – produzida pela italiana Driade, a peça se tornou sucesso de vendas na época.



LE ROYAL MONCEAU 2010

O clássico hotel parisiense dos anos 1920 foi completamente renovado por Starck, que brincou com os códigos tradicionais dos hotéis de luxo, propondo um décor clássico, porém equilibrado, com pitadas de fantasia e excesso, como neste banheiro totalmente revestido de espelhos, que criam um jogo de reflexos e ampliam a luz que emana do teto – cujo design simula uma claraboia. “Não se trata de arquitetura ou decoração, mas, sim, da exploração do que é, ou deveria, ou poderia, ser o espírito francês”, provoca o designer.

www.raffles.com/paris



SLS
SOUTH BEACH 2012

Instalado num prédio art déco de 1939, o hotel mescla, em seus interiores renovados, referências deste estilo com influências asiáticas, recorrentes no vocabulário de Starck, e latinas – nada mais natural quando se está em Miami, afinal. Tudo com uma boa dose de exagero, aqui providenciado pelas grandes fotografias em *backlight*, como se vê neste detalhe do Dragon Lounge Bar. sbe.com/hotels/locations/slssouthbeach

FAENA HOTEL 2000

O empresário Alan Faena, responsável pelo ressurgimento da área de Puerto Madero, em Buenos Aires, confiou ao designer francês a missão de converter um armazém de cereais construído em 1902 em um hotel de luxo. Se Faena é conhecido por ser excêntrico, Starck tirou partido dessa característica e criou ambientes bastante teatrais, a começar pela entrada (*foto*), feita por um corredor de 80 m de comprimento e 10 m de altura, com iluminação dramática, móveis dispostos simetricamente e cortinas de veludo. faena.com



MAMA SHELTER
BORDEAUX 2013

Diferentemente da maioria dos hotéis assinados por Starck, este é um *budget* hotel, no qual o uso de materiais menos luxuosos foi compensado com uma dose extra de irreverência. O Mama Shelter Bordeaux ocupa a antiga sede da companhia nacional de gás francesa e um dos trunfos de seu décor – que segue a linha dos outros hotéis da rede, co-fundada por Starck em Paris há sete anos – é a pegada *fun* e, ao mesmo tempo, acolhedora. No restaurante (*foto*), o teto preto lotado de inscrições desenhadas e a parede que reúne uma série de instrumentos musicais iluminados de forma enfática dão personalidade ao lugar e podem servir até como assunto para começar um bom bate-papo.

mamashelter.com

MA COCOTTE 2012

Vizinho do *marché aux puces* de Saint-Ouen, o lugar mais interessante para se garimpar antiguidades nos arredores de Paris, o Ma Cocotte tem décor eclético, claramente inspirado nesse *mood*. “Sem muita teoria nem estilo, Ma Cocotte é o tipo de espaço onde qualquer coisa pode acontecer, cheio de surpresas escondidas ou exibidas nas paredes”, diz Starck. Assim, é impossível saber se detalhes como os ladrilhos hidráulicos descoordenados que formam um tapete no piso (*foto*) já estavam lá ou foram meticulosamente planejados para dar esse ar displicente e aconchegante. macocotte-lespuces.com



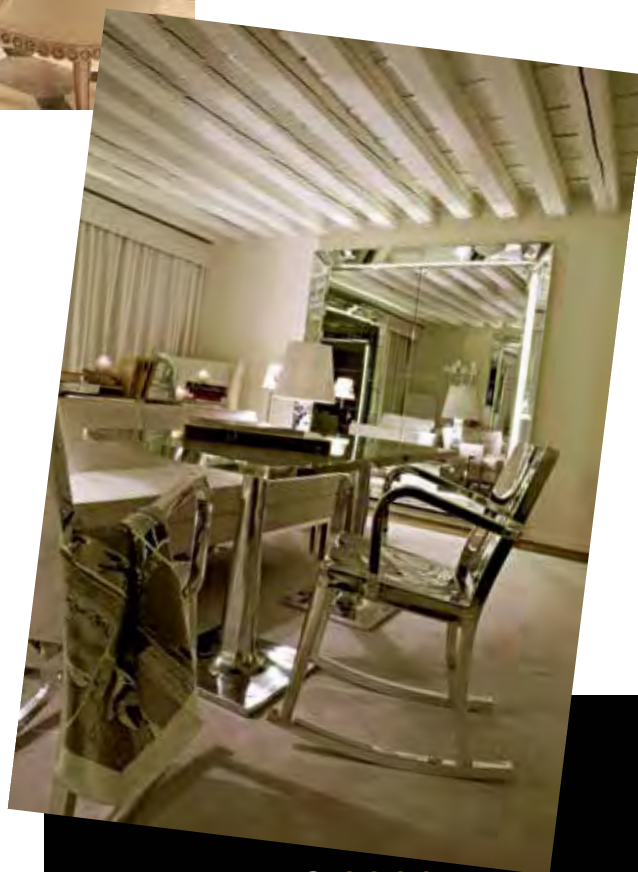


LE MEURICE 2008

Este icônico hotel parisiense já passou por várias reformas ao longo de sua história, mas a renovação promovida por Starck certamente é a mais famosa delas. O designer conseguiu preservar a atmosfera clássica do décor, mas trazê-lo para a contemporaneidade, com mobiliário desenhado especialmente para tal – foram criados mais de 600 itens. O toque de humor fica por conta dos detalhes surrealistas presentes em todo o hotel, desde o lobby (*foto*) – repare no quadro suspenso atrás do sofá – até o restaurante Dalí, cujo teto foi revestido com uma tela gigante pintada por Ara Starck, filha de Philippe. O surrealismo foi resgatado como homenagem a Salvador Dalí, que passava no mínimo um mês por ano hospedado lá. lemeurice.com

MISS KO BD 2013

Uma mulher oriental misteriosa e totalmente tatuada é a personagem que inspira o décor deste restaurante em Paris. A *body art* de Miss Ko é a base da paleta do décor, que explora o choque entre o preto e uma cartela vibrante de cores, enquanto seu mistério se reflete no *lighting design* que valoriza mais as sombras do que as luzes propriamente ditas, exceção feita à cozinha (*foto*), que, por motivos óbvios, dispõe de luz abundante, vinda de luminárias industriais mescladas a outras de estilo oriental. No bar, o tampo do balcão é formado por telas que mixam programas de notícias das TVs asiáticas com o vídeo de um dragão voador. miss-ko.com



PALAZZINA G 2009

Uma casa do século 16 vizinha ao Palazzo Grassi, no coração de Veneza, abriga o Palazzina G, primeiro hotel italiano a levar a assinatura de Starck. Por todos os ambientes, o designer emprega peças e materiais tradicionais venezianos, como o tijolo à vista, o mármore e os *chandeliers*, mas trata de atualizá-los, misturando-os com elementos atuais. Nos quartos (*foto*), por exemplo, o teto, com a estrutura de madeira aparente pintada, se contrapõe ao grande espelho com iluminação em *backlight* e às cadeiras de balanço de alumínio fundido que têm a assinatura do designer. palazzinag.com

mentes criativas e personagens do mês

O BRASIL NO RADAR DE STARCK

“Marcelo Rosenbaum é um explorador multidimensional, explorador da étnica, das eras, de sua própria sociedade e de sua própria criatividade. Ele não tem limite, da mesma forma que a vida não tem limite.” Estas foram as palavras usadas por Philippe Starck quando pedimos que indicasse designers de vários países que estivessem em seu radar e, do Brasil, ele apontou Rosenbaum.

Starck parece conhecer a fundo o trabalho do brasileiro, que se reconheceu plenamente na descrição. “Essa questão da multidimensão é muito presente para mim. Na verdade, todo meu trabalho como designer hoje não está mais focado simplesmente na matéria – o objeto é um pretexto. Design, ao meu ver, é a aproximação com outras culturas, o processo de como se relacionar com outras ideias, e, então, a materialização disso tudo num objeto. É por isso que a autoria, em si, não me interessa”, conta Rosenbaum, falando sobre a importância do design colaborativo em sua produção atual. Um exemplo é o papel de parede Nação (foto), criado por Rosenbaum e o Fetiche, que mostramos aqui em primeiríssima mão – este e outros três modelos integrarão o catálogo da branco., marca que será lançada nos próximos meses pela Bobinex. rosenbaum.com.br



OS ELEITOS

QUEM SÃO OS DESIGNERS DA NOVA GERAÇÃO QUE DESPERTAM INTERESSE E ADMIRAÇÃO EM NOSSO EDITOR CONVIDADO? PHILIPPE STARCK APONTA CINCO CRIADORES QUE PROMETEM DESPONTAR – OU JÁ ESTÃO DESPONTANDO – NO CENÁRIO INTERNACIONAL E CONTA O PORQUÊ DE SUAS ESCOLHAS
POR WINNIE BASTIAN



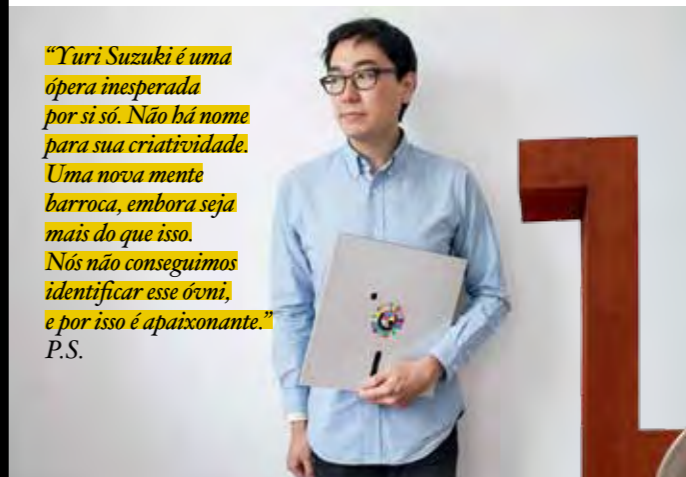
“Como um chef japonês, Benjamin Hubert ama e respeita o material para extrair sua essência.”
P.S.



BENJAMIN HUBERT

Aos 31 anos, o inglês já é um nome proeminente no Reino Unido e começa a se destacar também no cenário mundial, atuando junto a marcas como Cappellini, ClassiCon, Foscarini, Fritz Hansen, Herman Miller, Moroso e Poltrona Frau. Seus produtos se sobressaem por aliar harmonia estética e soluções técnicas inteligentes, como a luminária de mesa Container (*à esq.*), da Ligne Roset, na qual os dois elementos de cerâmica são unidos por uma tira de silicone, permitindo que a peça seja vendida em uma embalagem compacta e depois montada facilmente pelo usuário, sem o uso de qualquer ferramenta. A mesa Ripple 2.0, mostrada aqui, é outro exemplo: graças ao uso da madeira laminada corrugada, emprega 80% menos matéria-prima do que uma de madeira maciça e pesa somente 10,5 kg.

Fotos: Akio Fukushima (*Pyramidi*), James Bort (retrato Ambroise Maggiar), Jonathan Mauloubier (Kirt e Soba), Rima Musa (retrato Yuri Suzuki), Robert Fischer (retrato Stefan Diez) e divulgação



“Yuri Suzuki é uma ópera inesperada por si só. Não há nome para sua criatividade. Uma nova mente barroca, embora seja mais do que isso. Nós não conseguimos identificar esse óvni, e por isso é apaixonante.”
P.S.

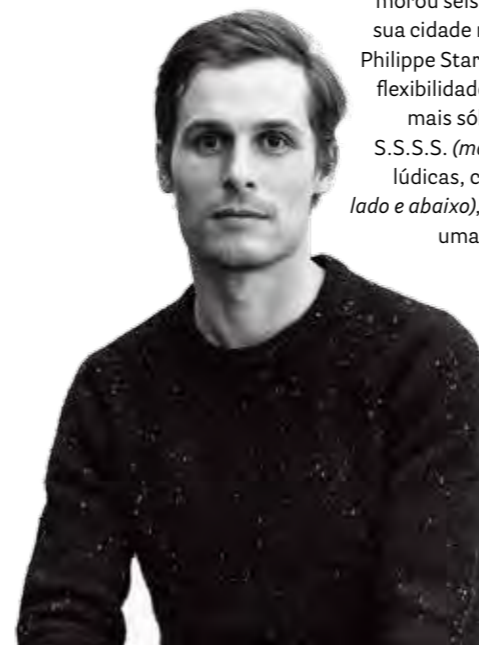
YURI SUZUKI

A relação entre a música, as pessoas e a tecnologia é o cerne do trabalho deste criador japonês de 35 anos, cujas obras e instalações têm sido expostas em vários países. No ano passado, destacou-se sua instalação *Pyramidi*, criada em conjunto com o músico will.i.am para a exposição *Digital Revolution*, no Barbican Center: três instrumentos – um piano elétrico Rhodes (*acima*), uma guitarra e uma bateria – foram desconstruídos e reconstruídos na forma de três pirâmides. A música *Dreamin' about the future*, composta por will.i.am para a ocasião, foi tocada em instrumentos convencionais, gravada no formato MIDI e reproduzida pelos novos equipamentos. Outro trabalho de repercussão foi *Garden of Russolo* (*ao lado e acima, à dir.*), instalada no Victoria & Albert Museum durante o London Design Festival de 2013, na qual os visitantes podiam falar (ou gritar, ou cantar...) dentro das caixas acústicas e depois usar as manivelas para distorcer e amplificar o som lá contido.



AMBROISE MAGGIAR

Francês, mas muito influenciado pela história do design italiano, Maggiar nasceu em Paris em 1978, morou seis anos em Milão e hoje está de volta à sua cidade natal, onde trabalha no escritório de Philippe Starck. Em comum com o mestre, tem a flexibilidade estilística, podendo criar produtos mais sóbrios, como as banquetas giratórias S.S.S.S. (*mais à dir.*), da Magis, e também peças lúdicas, como a mesa infantil Vodo Masko (*ao lado e abaixo*), da TOG, que esconde, sob o tampo, uma máscara inspirada na arte africana.



“Para além do design, Ambroise Maggiar é um exemplo único de uma expressão profunda de amor pelo ser humano. Ele é, talvez, a prova viva de que o design necessita de um coração.”
P.S.



ELIE AHOVI

Para este designer nascido em Togo, na África, e criado na França, a melhor maneira de prever o futuro é projetá-lo. Para isso, idealiza produtos como o Drone 1-001-1 (*ao lado*): pensado para coletar lixo dos mares, tem um sistema de infrassom que promove o desvio de peixes e outros animais marinhos. Nada convencional também é Orbit (*acima*), uma máquina que promete lavar roupas sem água nem sabão, em poucos minutos e, ainda, sem barulho, concebida por Ahovi para o Electrolux Design Lab 2010: um anel que contém baterias recarregáveis forma um campo magnético que faz flutuar e girar o cesto esférico contendo as roupas – lá dentro, um jato de gelo seco quebra as partículas de sujeira, que são depositadas em um tubo. Ambos ainda são conceitos, mas apontam caminhos possíveis.



“Elie Ahovi representa a elegância perfeita da tecnologia e do biodesign 2.0. Ele descobriu, por conta própria, que a tecnologia precisa ser mágica.”

P.S.



STEFAN DIEZ

Encontrar soluções inovadoras, simples e precisas para objetos cotidianos é um talento do alemão Stefan Diez. É o caso da cadeira Kitt (*ao lado*), da Hay: vendida desmontada, tem uma estrutura de poliamida que conecta pernas (de madeira maciça), assento e encosto (de madeira laminada) para formar uma peça resistente, ergonômica e de preço competitivo. Já no projeto Soba, para o selo Japan Creative, Diez concebeu um cavalete (*acima, à dir.*) e um banco com um material tradicional na cultura japonesa – o bambu. A inovação está no método construtivo que, utilizando somente recortes estratégicos no bambu e um sistema inteligente de amarração das cordas de Kevlar® – fibra leve e extremamente resistente –, facilita a montagem das peças.

“Com Soba, Stefan Diez é o primeiro a conseguir uma visão moderna sobre o mito entre o Japão tradicional e o tecnológico. Com poucos elementos e materialidade, ele expressa a essência – seu trabalho é, ao mesmo tempo, humilde e impecável.”

P.S.

POP

NOSSO GUEST EDITOR
É POP EM DOBRO:
NÃO SÓ FOI UM DOS
RESPONSÁVEIS POR
TORNAR A ASSINATURA
DO DESIGNER MAIS
IMPORTANTE DO QUE O
NOME DO FABRICANTE
DE SEUS PRODUTOS,
COMO TAMBÉM TEM
CONTRIBUÍDO, AO
LONGO DE SUA
CARREIRA, PARA
A DEMOCRATIZAÇÃO
DO DESIGN
POR WINNIE BASTIAN

STARCK



Acima, Philippe Starck; à dir., a poltrona Lou Read (Driade, 2011), cuja forma homenageia Carlo Mollino e o design escandinavo dos anos 1950. Na pág. seguinte, no alto, a cadeira Masters (Kartell, 2009), criada com Eugeni Quitllet, é outro tipo de resgate; logo abaixo, o relógio Time Less (Kartell, 2015), projetado com Jonathan Bui Quang Da, rompe com a materialidade



CADEIRAS, MESAS, SOFÁS, LUMINÁRIAS, banheiras, escovas de dente, mata-moscas, relógios, fones de ouvido, barcos, motocicletas... A lista com os produtos que saíram da mente criativa de Philippe Starck poderia preencher várias páginas. Entre design, arquitetura e interiores, o francês já concebeu, ao longo de sua carreira, mais de 10 mil projetos. Mas números e dados burocráticos são o menor de seus interesses. O design, para ele, tem o poder de melhorar a existência, tornando-a não só mais funcional, como também mais leve e divertida. Foi com essa filosofia, inventando objetos artísticos, irônicos (até no nome) e de forte apelo emocional, que Starck alcançou fama de *pop star* e ajudou a colocar o design no radar do cidadão comum, nos idos anos 1990. Hoje, continua a empunhar a bandeira da democratização e se concentra, cada vez mais, na forma como suas criações afetam a vida das pessoas. Em entrevista à *Casa Vogue*, ele reflete sobre esses e outros temas.

Muitas expressões já foram usadas para lhe definir: “Uma lenda”, “uma mistura extraordinária de *pop star*, inventor maluco e filósofo romântico”, “o Picasso dos anos 1990”... Como você se definiria? Eu não moro em lugar nenhum, sou invisível. Sou como o lençol branco de um fantasma, no qual você pode projetar todas as imagens que quiser – atrás do lençol, sou apenas eu mesmo, todas as manhãs na frente de uma página branca tentando inventar a vida que nós merecemos.

Você teve – e ainda tem – um papel crucial na democratização do design. O que é design democrático para você? Dar peças de qualidade a preços acessíveis para o maior número possível de pessoas. Essa era a minha intenção 40 anos atrás: quando comecei a atuar como designer, uma cadeira assinada era extremamente cara e dedicada a alguns poucos felizardos. Ao longo de décadas de trabalho, consegui tirar dois zeros do preço de uma cadeira. Quando você divide o preço por 100, muda radicalmente o conceito.



Fotos: James Bort (retrato) e divulgação

Você já criou projetos para áreas tão diversas – mobiliário, iluminação, eletrônicos, roupas, acessórios, barcos, embalagens, interiores... Existe algo que você gostaria de ter projetado e ainda não teve oportunidade? Eu tendo a produzir cada vez menos matéria – odeio a materialidade – para focar cada vez mais em ações. A matéria é viscosa, vulgar, gruda no sapato, nos priva de ascender. Tentei, toda a minha vida, transcender a matéria, torná-la expressão de um sonho, uma visão, uma utopia. Felizmente, qualquer projeto é primariamente um projeto abstrato, uma questão que precisa ser respondida. E isso se aplica a todas as dimensões. Resolver o problema de criar uma cidade é exatamente a mesma coisa que resolver o problema de criar uma escova de dentes. O design, a aparência estética não importa, só o conceito é importante. O julgamento estético se tornou completamente obsoleto, senão perigoso, quando é usado para vender porcarias. Eu recuso o “Sr. Starck, o que o senhor faz é tão bonito”... Não, o que eu faço não é legal – faço coisas que funcionam, é isso. Sou um funcionalista da era 2.0.

Pouco prática, mas de grande apelo escultórico, a chaleira Hot Bertaa (Alessi, 1990) inaugurou um novo mercado para sua fabricante: o de objetos cotidianos com status de arte; acima, o sofá Rayn (Dedon, 2013), pautado pela funcionalidade; e, acima, à dir., o banquinho Attila (Kartell, 1999) recupera o vocabulário kitsch dos anões de jardim





À dir., a família de luminárias Ether (Flos, 2015) tem corpo "etéreo e imaterial" e difusores cambiáveis; mais à dir., Alfe Funghi (TOG, 2014), conjunto de mesinha e banco para uso infantil; e, abaixo, a partir da esq.: na cadeira Pat Conley I (XO, 1985), as pernas são criadas com o que poderia ser o encosto da peça; a cadeira Broom (Emeco, 2012) tem formas essenciais e uso de materiais reciclados; e o espremedor Juicy Salif (Alessi, 1990), um ícone do design emocional, aqui em versão especial de 25º aniversário



E como é o seu processo criativo? Sempre trabalho sozinho na frente da minha mesinha – se possível, com uma vista que me agrada (em frente da água ou do verde), meu lápis e meu papel de desenho. De lá, posso fugir para o meu mundo. Na verdade, tenho dois mundos – o do dia e o da noite. Meu universo diurno não é muito empolgante. Eu não sou muito engraçado nem muito inteligente. Certamente, minha vida tem algo de incrível, mas ainda é só uma vida. Já a noite é incrível. Hoje sou tentado a dizer que minha vida real está nos meus sonhos: visito lugares que nunca existiram, respiro brisas desconhecidas, luzes estranhas brilham sobre mim, falo com pessoas que nunca vi e atravesso cidades inefáveis. Essas noites talvez sejam o meu centro, a fonte da minha imaginação, da qual nós somente podemos ver uma versão debilitada pela luz do dia e a fraqueza da matéria.

Você escolhe seus clientes? Como é sua relação com eles? Nós recusamos 90% das propostas que recebemos. E quando tenho alguma nova visão, um novo território para explorar, contato parceiros potenciais para explicar essa visão. Mas, nos dois casos, a coisa mais importante na vida é o amor. Eu só trabalho com amigos: meus parceiros são meus amigos ou se tornam após trabalharmos juntos – o resultado do projeto vem diretamente dessa relação.

Você tem a capacidade de transformar objetos banais, como um espremedor de limão, em produtos especiais. Qual é o seu "segredo", se



Surpresa e ironia são recursos frequentes na obra de Starck – aqui, abajur Bedside Gun (Flos, 2005); à dir., pendente Zenith Sur La Lagune (Baccarat, 2013), que exhibe alces de vidro amarelo em meio ao clássico *chandelier*; abaixo, a mesa ampliável Big Will (Magis, 2014) tira partido dos rodízios para facilitar sua extensão; e, mais abaixo, a torneira Starck V (Axor, 2014) utiliza vidro temperado para exibir o movimento espiral da água



é que ele existe? Não me interessa o design ou a arquitetura por eles mesmos: eu só me importo com o efeito que as minhas criações podem ter nas pessoas. Sempre falo de alguma outra coisa [por meio dos produtos]. E, portanto, minha "tribo sentimental" é capaz de receber as mensagens, o cenário que está por trás, e não apenas ficar grudada à materialidade. **Que papel tem o humor nos seus projetos?** O humor é o melhor sintoma da inteligência humana.

Há quem diga que o bom designer é capaz de captar os desejos e as necessidades das pessoas antes mesmo de elas terem consciência sobre eles. Você acredita que o seu trabalho antecipa desejos e necessidades? Minha natureza levemente autista não se interessa muito pela grande informação, por grandes ideias, já que elas são muitas vezes pervertidas e não têm pureza, pois são oriundas do consciente. Sempre me alimento com as nanoideias, aquelas que vêm do inconsciente. Não saio, não vou a restaurantes ou ao cinema, não vejo TV – vivo sozinho com minha esposa e minha filha caçula em nossa coleção de "meios do nada". Meu interesse em viver fora de tudo é permitir que os elementos e pedaços de informação que recebemos diariamente sejam decantados. Meu único talento, desde que nasci, é ser uma espécie de analista inconsciente.

Você está projetando os interiores de um grande empreendimento a ser construído em São Paulo, o Complexo Matarazzo [que contará com arquitetura de Jean Nouvel]. O que pode nos falar sobre esse projeto? Será a cidade ideal, o protótipo para uma vida perfeita construída com visão, poesia, criatividade e humor, bem no centro do novo centro do mundo, que é São Paulo. ●



VEJA MAIS CRIAÇÕES DE STARCK NO TABLET

EDIÇÃO ESPECIAL

PHILIPPE
Starck

“Fico feliz em ver, nas sete reportagens a seguir, que, finalmente, a liberdade é a única tendência respeitável hoje em dia explorada”, diz o designer Philippe Starck sobre as casas por ele selecionadas, entre tantas no país e no mundo, para esta especialíssima edição, da qual é *guest editor*. A primeira a ser mostrada – do casal Philippe e Jasmine Starck, na **Itália** – resume de forma cabal a ideia da casualidade e do “*be yourself deeply*” tão cara a ele. Seguem-se outras deliciosas moradas: Carolina Maluhy, no **Brasil**, um pensar racional fora do cercado; Carin Scheve, nos **Estados Unidos**, o loft-epítome da independência americana; Paulo Kaiser, também no **Brasil**, com camadas de vivências e coleções; Lauren Rossouw, na **África do Sul**, a art déco com *twist* excêntrico; Carrô Schamall, ainda no **Brasil**, um bem-humorado *marché aux puces* pessoal; e Rodman Primack e Rudy Weissenberg, na **Guatemala**, o design em perfeita sintonia com o artesanal. Liberdade: uma conquista a ser desfrutada já!

ITÁLIA EM
CASA
COM
OS

STARCK

PARA O DESIGNER MAIS FAMOSO QUE HÁ, PHILIPPE STARCK, O ENTORNO DE ÁGUA E LAMA DE SUA MORADA NA ILHA DE BURANO É COMO UM SOPRO PRIMORDIAL: INSPIRAÇÃO PARA A CRIATIVIDADE E A VIVÊNCIA DO AMOR EM FAMÍLIA – SEM NENHUMA OBSESSÃO COM O DÉCOR
TEXTO SILVIA ALBERTINI
FOTOS GIACOMO BRETZEL

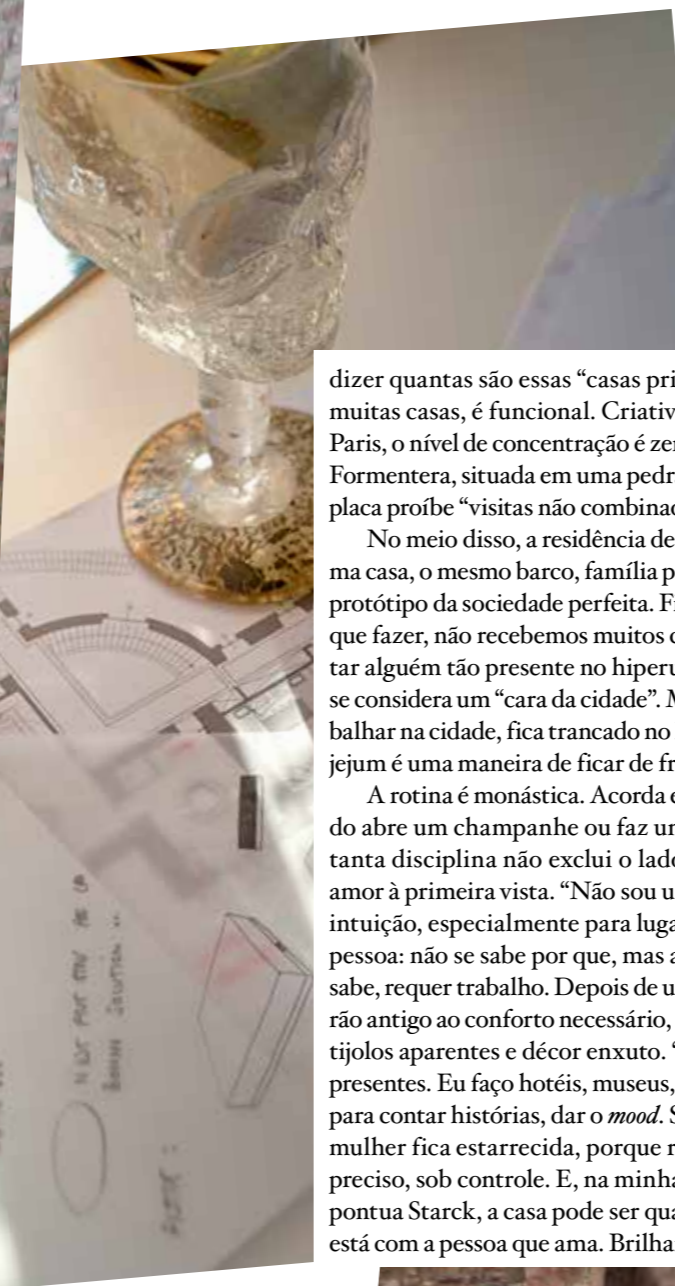


Philippe e Jasmine Starck na entrada da casa na ilha próxima a Veneza – Burano é conhecida dentro e fora da Itália pelo seu casario fortemente colorido

‘COMO CRIADOR, É IMPORTANTE CHEGAR À ESSÊNCIA, À ORIGEM, AO OSSO. EU AMO A LAMA. DIANTE DELA VOCÊ É LIVRE, PODE COMEÇAR TUDO,’
PHILIPPE STARCK



Acima, à esq., vista da fachada da casa dos Starck, junto ao canal; e, à dir., o living, cuja decoração é enxuta, como no restante da morada – os elementos brancos se destacam próximos às paredes de tijolos, a exemplo do unicórnio do artista Jean-Philippe Hazard, de Paris, além dos estofados e luminárias desenhados por Starck e produzidos pela Driade



“ O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara. Pareceu-lhe uma boca banguela.” Assim canta Caetano Veloso na música *O Estrangeiro*. De fato, é revelador ver o mundo pelos olhos de quem é de fora. Ainda mais quando se trata de mentes brilhantes, capazes de enxergar ângulos inusitados, formas nem sempre visíveis a todos. Partindo desse pressuposto, eu não esperava uma resposta óbvia quando perguntei ao francês Philippe Starck, que me recebeu em sua casa na ilha de Burano, a uma hora de Veneza, na Itália, por que escolheu morar ali 30 anos atrás.

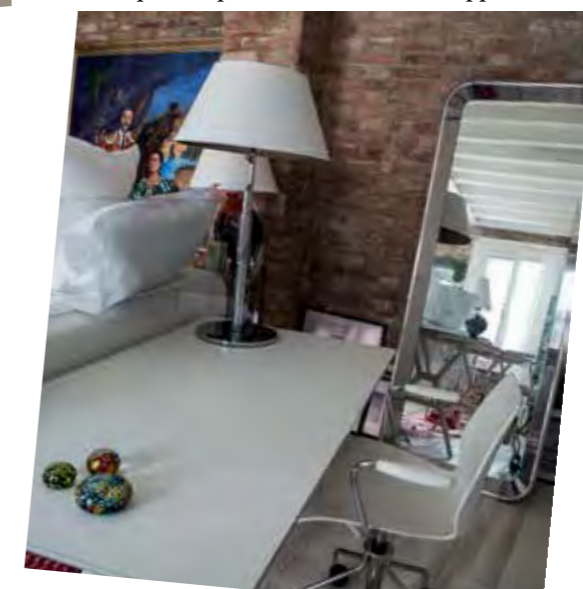
Veneza é um museu a céu aberto, uma cidade única por sua posição geográfica, seu repertório e sua tradição artística. Há séculos deixa os visitantes boquiabertos com a harmonia de camadas milenares de beleza. Ao mesmo tempo, é um lugar difícil, labiríntico, sujeito a alagamentos. Por que, então, o designer *superstar* Philippe Starck decidiu viver ali? “Eu não escolhi Veneza, escolhi Burano”, pontua. “E Burano é, antes de mais nada, lama.” Lama, Philippe? *Oui, mademoiselle*. Na visão de Starck, a proximidade da lama equivale a estabelecer uma conexão com o caldo primordial, um sopão tão antigo como o mundo, que ficou inerte até ser despertado por um relâmpago. “Como criador, é importante chegar à essência, à origem, ao osso. Eu amo a lama, o cheiro dela, adoro estar cercado de lama. Porque diante dela você é livre. Pode começar tudo.”

Assim, Starck, autor hiperativo de cadeiras a iates, de minigeradores eólicos domésticos a museus, busca a presença da água em todas as residências em que vive com a família: Jasmine, companheira inseparável, e Justice, filha de 4 anos. “Vivemos no ar, dormimos mais no avião do que em casa. E, quando aterrissamos, estabelecemos conexões interessantes no meio do nada.” Ele continua me explicando que nenhuma das casas da família fica a mais de cinco minutos de um barco. Casas? Starck não quer

dizer quantas são essas “casas principais” e racionaliza. “Não é luxo ter muitas casas, é funcional. Criatividade é gestão de concentração. Na de Paris, o nível de concentração é zero”, conta. No extremo oposto, está a de Formentera, situada em uma pedra no meio do mar, onde há 30 anos uma placa proíbe “visitas não combinadas ou combinações de visitas”.

No meio disso, a residência de Burano. “Aqui todo mundo tem a mesma casa, o mesmo barco, família parecida. Ninguém é rico nem pobre: é o protótipo da sociedade perfeita. Fica meio longe, e como não tem muito o que fazer, não recebemos muitos convidados”, diz ele. É inesperado escutar alguém tão presente no hiperurbano mundo do design dizer que não se considera um “cara da cidade”. Mas Starck jura que, quando precisa trabalhar na cidade, fica trancado no hotel sem ver ninguém e sem comer. “O jejum é uma maneira de ficar de frente para você mesmo”, reflete.

A rotina é monástica. Acorda entre 4h e 7h, trabalha até às 21h, quando abre um champanhe ou faz um passeio de barco com a família. Mas tanta disciplina não exclui o lado emocional. A morada de Burano foi amor à primeira vista. “Não sou um cara inteligente, mas tenho uma boa intuição, especialmente para lugares. Amar um lugar é como amar uma pessoa: não se sabe por que, mas a conexão é perfeita.” E o amor, a gente sabe, requer trabalho. Depois de uma reforma pesada para adaptar o casarão antigo ao conforto necessário, o resultado é uma casa aconchegante de tijolos aparentes e décor enxuto. “Não tem decoração, o que você vê são presentes. Eu faço hotéis, museus, restaurantes: são máquinas, funcionais para contar histórias, dar o *mood*. Sobre decorar, eu não faço ideia. Minha mulher fica estarecida, porque realizo um projeto por dia, tudo muito preciso, sob controle. E, na minha própria casa, é uma bagunça.” Afinal, pontua Starck, a casa pode ser qualquer coisa, em qualquer lugar, se você está com a pessoa que ama. Brilhante, Philippe. ●



Em sentido horário, a partir do alto, à esq.: desenhos de Starck; o casal no barco Poussin Noir; Philippe e Jasmine trabalhando, no jardim de inverno; e, na área do quarto dedicada aos afazeres, peças do designer – abajur da Flos, mesa da Magis, cadeira da Kartell e espelho da Arper. Na página anterior, no mesmo sentido: Starck em passeio aquático; a dupla na escada que leva ao segundo piso; objetos que são uma “sedimentação da vida” no móvel adquirido numa feirinha; e bolsa criada por ele em parceria com a Wessco

“A CASA PODE SER QUALQUER COISA, EM QUALQUER LUGAR,
SE VOCÊ ESTÁ COM A PESSOA QUE AMA”
PHILIPPE STARCK



Acima, à esq., no pátio da casa, mesa e cadeiras desenhadas por Starck para uso pessoal; e, à dir., Philippe e Jasmine com a pequena filha Justice, 4 anos. Na pág. anterior, ao lado da cama, no dormitório do casal, a tela é presente de um amigo da família, o pintor Markus Tessier

A cozinha, desenhada pelo morador e produzida pela Warendorf, tem cadeiras de bar da Emeco, by Starck – destaque para as luminárias pendentes, vindas de mercadinhos ou projetadas por designers emergentes. Na pág. seguinte, o casal homenageia o romantismo de Burano



Abaixo, Carolina Maluhy junto ao grandioso painel de pau-ferro aletado que integra e divide o living e a cozinha no térreo da residência no Jardim Europa; à dir., na mesma área, o destaque é a escultural escada produzida com ferro oxidado

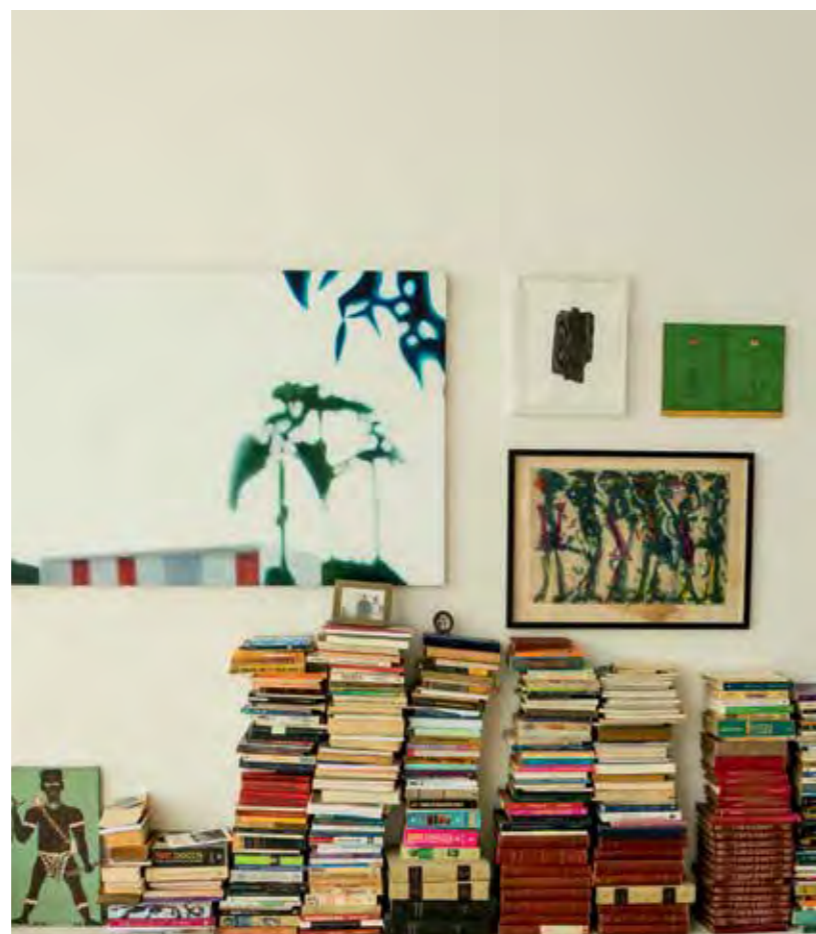


BRASIL

fora.da *caixa*

REPENSAR O ESPAÇO INTERNO, LANÇAR MÃO DE MEDIDAS QUE FOGEM DO LUGAR COMUM
E AINDA ASSIM MANTER A SOFISTICAÇÃO E O ACONCHEGO DAS PEÇAS DE FAMÍLIA: A CASA
DA ARQUITETA CAROLINA MALUHY, EM SÃO PAULO, CONVIDA A VIVER COM FLUIDEZ E LIBERDADE

TEXTO SILVANA HOLZMEISTER | PRODUÇÃO GUSTAVO PERUYERA | FOTOS RICARDO LABOUGLE



Acima, o living, dotado de lareira e em total comunhão com o verde do jardim, traz poltronas (à esq.), na Juliana Benfatti, mesa de centro, na Passado Composto Século XX, cadeira com braços de ferro, do Depósito Santa Fé, e tapete de pele de vaca, da La Novità. Na pág. anterior, no alto, o quarto dos proprietários, com poltrona da Esther Giobbi; abaixo, à esq., o ferro galvanizado que dá corpo ao portão de entrada; e, à dir., livros empilhados junto à parede formam a irreverente biblioteca – acima dela, obras de artistas como Iran do Espírito Santo e Ivald Granato



Poucos e bons elementos na sala de jantar: mesa da Oca Brasil, cadeiras de Jacob Ruchti, da Branco & Preto, pendente, na Dominici, e poltrona Charles Eames – ao lado dela, pintura de Ivan Mosca

d

e fora, a casa da arquiteta Carolina Maluhy passa discreta a quem usa as ruas internas do Jardim Europa como rota de escape para o trânsito sempre tumultuado de São Paulo. O grande portão cinza, que ocupa a fachada, se confunde com a paisagem e dilui a irreverência do material utilizado: placas de ferro galvanizado. Já do lado de dentro, em um generoso vão livre, ferro oxidado ganha presença monumental ao dar forma à escada que liga os dois primeiros andares. Com jeito de escultura, é um dos pontos altos do projeto.

Outras ideias misturando irreverência e refinamento espalham-se pela residência que Carolina divide com os dois filhos e o marido, o investidor italiano Niccolo Ballaratti – que, segundo ela, contribuiu bastante no redimensionamento da estrutura interna. “Por quê [implementar isso ou aquilo]? Esta foi a pergunta que nos fizemos constantemente durante a fase do projeto”, recorda ela. Uma das respostas é o grandioso painel arredondado de pau-ferro, que esconde ou integra a sala de estar e a cozinha, no térreo. Outro une, no segundo andar, o quarto das crianças e a sala de brinquedos.

No ambiente íntimo do casal, quarto, closet, área de leitura e banheiro evoluem verticalmente, iluminados por claraboias e conectados por paredes minimalistas. O artifício revisita o conceito clássico de suíte, o que preserva e dá aconchego à área reservada à cama. “Acordamos muito cedo, por isso trocamos as persianas por cortinas de linho”, diz a arquiteta. O recurso sela sutilmente a janela do quarto e também suaviza a luz natural que vem do teto.

Para economizar medidas, uma escada de aço sobe rente à parede, dando acesso discreto ao terceiro andar. Espécie de sótão do século 21, acomoda um home office que se abre para a varanda em balanço. Nele, destaca-se o piano clássico, que precisou ser içado. “Deu trabalho. A gente brinca que ele nunca mais sairá de lá.”

Formada pela Northeastern University, em Boston, com pós-graduação na Saci Universitã, em Florença, Carolina trabalhou com Isay Weinfeld antes de montar o escritório com a amiga, Isis Chaulon, em 2005. Projetos como a da loja da estilista Cris Barros, nos Jardins, ou da residência de campo do empresário Zeco Auriemo dão a proporção do seu gosto pelos espaços amplos, numa mistura contemporânea de vidro, concreto e natureza. Em casa, a arquiteta recheou cada cantinho com recordações afetivas e sacadas simples, quase desprezíveis, que aquecem a atmosfera.

Além da madeira – presente em todos os cantos – e do rústico piso de fulget semipolido *off-white*, inclusive nos quartos, quase todos os móveis, obras de arte e objetos foram herdados dos pais do casal – ela é filha da estilista Candice Brown –, dos avós e bisavós. Alguns, como o baú transformado em criado-mudo, estavam esquecidos na fazenda da família. “Tudo tem história. Eles me lembram da minha infância e das pessoas que amo. Isso é especial”, conta.

Já o bar, sempre aberto aos amigos e instalado no chão da sala de estar, foi fruto do acaso. “Era uma solução temporária porque, quando a gente se mudou, há um ano e meio, ainda faltava fazer alguns móveis”, explica. Mas o casal gostou tanto do efeito que acabou desistindo da marcenaria. O mesmo aconteceu com os livros, que permanecem empilhados ao longo da parede, dividindo espaço com telas de Iran Espirito Santo e Ivald Granato, bem de frente para o jardim verdejante que agrega uma deliciosa sensação de infinito. ●



ONE SIZE FITS ALL

ESTADOS UNIDOS

SE VOCÊ ACHA QUE JÁ VIU OS APARTAMENTOS E CASAS MAIS FANTÁSTICOS DE NOVA YORK, ENTÃO SE PREPARE PARA UMA SURPRESA LITERALMENTE MAIOR: O LOFT DE 800 M² ONDE MORA E TRABALHA A FAMÍLIA DA STYLIST CARIN SCHEVE
TEXTO E PRODUÇÃO MARC HELDENS | FOTOS MARK SEELEN



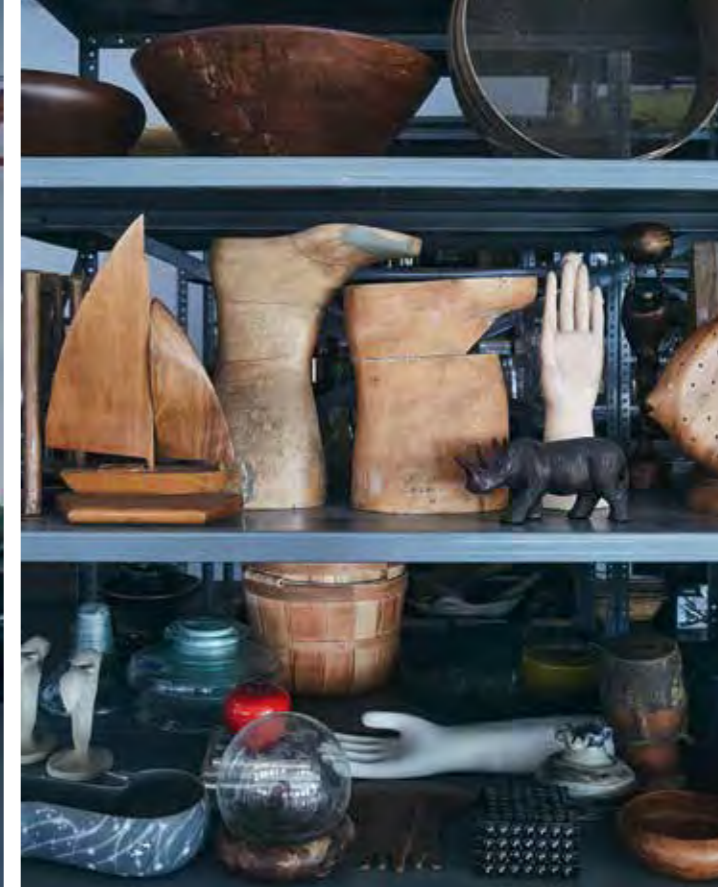
O living exibe sofá de segunda mão com estrutura de madeira e luminária metálica vermelha Riviera, design Paola Navone – ao fundo, o espaço de refeições. Na pág. anterior, Carin Scheve e seu companheiro, o fotógrafo Francesco Caramella



A área de refeições, junto à cozinha com bancada de Stikwood (ao fundo), tem duas mesas metálicas criadas por Carin e Francesco e uma série de cadeiras garimpadas – uma Series 7, design Arne Jacobsen, diversos modelos assinados por Charles e Ray Eames e duas peças de madeira renovadas por Francesco



O home office exibe mesa e bancos idealizados pelos moradores e lustre de cristal francês encontrado em bazar beneficente. Na pág. seguinte, em sentido horário, a partir do alto, à esq.: o quarto tem cama de *pallets*; detalhe da prateleira que abriga as produções de Carin; escrivaninha de madeira doada por amigos, no espaço de armazenagem; e banheira inglesa antiga na sala de banho





A área do porto de Sunset Park, localizada na parte baixa do Brooklyn, em Nova York, consiste de grandes complexos de docas, fábricas e armazéns. É preciso ter visão criativa para querer trabalhar ou morar ali. Mas num gesto quase aventureiro, a stylist holandesa Carin Scheve (colaboradora assídua da *Casa Vogue*), junto ao filho Milo e ao parceiro Francesco Caramella, italiano de nascimento e arquiteto e cenógrafo de profissão, resolveram trocar a região “confortável” do Brooklyn pelo “inóspito” bairro. Eles se acomodaram no último piso de um prédio de oito andares e medidas mais do que generosas: o loft onde eles vivem tem 800 m² e conta com 26 janelas industriais que dão vista, à esquerda e à direita, para o rio Hudson, e para a Estátua da Liberdade, ao fundo.

“Francesco e eu estávamos procurando um espaço maior para morar e trabalhar. Já havíamos coletado tanta coisa: presentes de amigos, objetos e móveis que compramos ou que simplesmente sobraram dos meus trabalhos... Nós nos apegamos aos nossos pertences. Queríamos um local onde coubesse tudo, e com boa iluminação natural. Quando recebemos a dica deste complexo, soubemos que era ideal”, conta Carin, que estudou moda na Academia de Arte de Enschede, na Holanda, e atua como produtora de moda e design.

Unindo o espaço para acomodar seus itens de produção, a área para os cenários do marido e os ambientes da própria morada, Carin e a família resolveram ficar com um andar completo. Na casa deles, a sensação “*extra large*” fica clara e palpável. Ambientes vão se sucedendo ao longo dos 40 m de comprimento: cozinha, espaço de refeições, uma sala que consiste de várias peças de mobília simples, o jardim botânico e o quarto, localizado em um nicho separado. Além da área de cenografia e armazenamento. Tudo isso deixa a gente meio tonto, mas aos poucos você se acostuma e enxerga como tudo funciona e se combina. Num lugar assim, a organização deve ser descomplicada, e é necessário escolher móveis com gestos grandiosos, que possam contrastar com a força desta metragem descomunal.

Quando chegou ao imóvel, Carin tinha a nítida intenção de que ele atendesse a diversas funções. Buscou, então, enfatizar o visual original do loft – que já foi um espaço industrial –, mas, ao mesmo tempo, lhe conferir um pouco de aconchego e intimidade. Foram mantidos o piso e o teto de concreto – este, com instalações elétricas e sprinklers vermelhos à mostra. As paredes e colunas pintadas de branco suavizam a atmosfera brutalista. Os ambientes, mesmo sem nenhum tipo de divisória que os separe, têm sua personalidade própria, concedida por peças típicas: na cozinha fica um balcão de madeira; na área de comer há duas mesas pretas de metal; e poltronas e sofás de madeira estimulam a convivência no estar. “Moradia e local de trabalho, este loft também comprovou sua natureza multifuncional de outra maneira. Meu filho Milo, por exemplo, comemorou aqui seu aniversário de 12 anos, com todos os seus amigos. Teve até um DJ, e a residência foi transformada em uma grande quadra de basquete. Já Francesco e eu organizamos exposições e concertos em casa. Sabe, com 800 m², dá para explorar bem a ideia de *‘one size fits all’*”, finaliza Carin. ●

Outro ângulo do living traz poltronas de segunda mão, uma chaise original Pernilla Lounge, design Bruno Mathsson, cabeça de rena Rudolf fixada entre as janelas e uma série de plantas que compõem o jardim interno de Carin. Na pág. anterior, a cachorra Mia brinca nos espaços do loft que servem de locação



BRASIL segunda pele

A REFORMA DESTE APARTAMENTO EM SÃO PAULO, COM IDEIAS BEM ELABORADAS, ABRIRAM CAMINHO PARA QUE LIVROS, MÓVEIS E UMA INFINIDADE DE OBJETOS – TUDO MUITO PESSOAL – FOSSEM ORGANIZADOS DE FORMA A MIMETIZAR O ESPAÇO E O MORADOR
TEXTO CRISTINA DANTAS
PRODUÇÃO ALDI FLOSI
FOTOS MARCO ANTONIO



No living, livros sobre a mesa Alanda, de Paolo Piva, fabricada nos anos 1980 e encontrada no bazar da Unibes, e poltrona vintage (ao fundo), design Martin Eisler, com estrutura de jacarandá, na Pé Palito. Na pág. anterior, o morador Paulo Kaiser junto às reproduções do livro *Xingu*, de Maureen Bisiliat – o lustre foi comprado na Ikea, em Londres



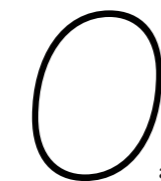
Ainda no living, parte da coleção de mais de 3 mil livros de Paulo e a junção de pisos diferentes, remanescentes da reforma; junto à janela, ao fundo, se vê o sofá do Studiobola, a tradução perfeita para uma "cama" na sala, que o proprietário tanto queria: Aldi Flosi alterou os módulos e deu a eles um revestimento de pele, mas invertida, para obter o aspecto de desgastado



Na cozinha, o lustre se compõe de peças garimpadas em épocas diversas, num arranjo com correntes pretas feito por Aldi. Na pág. anterior, em sentido horário, a partir do alto, à esq.: a mesa do estar exibe coleção de vidros; na cozinha, leiteiras e chaleiras sobre um aparador chinês; ainda na cozinha, a coleção de obras na parede; e a estante da sala, que abriga a coleção de rostos

No quarto, cama desenhada por Aldi, tapete da Santa Helena, encontrado no bazar da Unibes, luminária dos anos 1960 (à dir.) e, na parede, antigos cartazes poloneses. Na pág. seguinte, o hall tem cômoda encontrada num garimpo na av. São João, região tradicional de São Paulo repleta de antiquários e brechós





apartamento de 300 m², no centro de São Paulo, não estava vazio quando o morador chegou: seus livros já se encontravam lá para aguardá-lo. Assim que a primeira poeira da reforma baixou, o tradutor Paulo Kaiser tratou de instalar os 3 mil volumes na estante desenhada pelo consultor de estilo Aldi Flosi. Você diz: será que foram todos lidos? “Quando se compra um livro, não é preciso abri-lo imediatamente. Ele fica na estante, à sua espera”, comenta Paulo, embora tenha, sim, percorrido as páginas da maioria dos títulos. Uma cortina em três camadas para proteger “as literaturas” do sol foi mais do que necessária. Na década de 1950, quando o prédio foi construído, as janelas não sofriam da timidez que as acometeria nos anos seguintes. Eram quase paredes envidraçadas, abrindo-se para uma cidade já inquieta, mas menos hostil. Por isso, talvez, Aldi tenha conduzido as mudanças, sempre ao lado do amigo, de forma a traduzir no espaço não apenas beleza e conforto, mas fazendo dele uma extensão do proprietário, sua segunda pele.

Paulo e o amigo queriam manter viva a história do imóvel – como no piso, em que não se ocultaram o lugar que dividia duas pias e as marcas da parede que apartava a cozinha da sala. Para dar unidade ao conjunto, Aldi sugeriu um rodapé alto, laqueado de preto. As portas dos armários e as que separam os ambientes continham ao menos cinco camadas de tinta. Foi preciso um profissional para colocar uma a uma em um cavalete, queimar com um maçarico a espessa massa de tinta acumulada, raspar o craquelado resultante da operação, limpar, selar. E devolver às 12 portas de armários e 11 do apartamento sua identidade original.

Uma vez pronta a reforma, que reduziu o número de quartos de três para dois, era a hora de dar corpo a outros desejos. E o primeiro, que Paulo acalentava quando ainda vivia numa edícula de 20 m² na casa da mãe, era ter uma “cama” na sala. Basta ver o sofá, que reina no living, para entender. Na TV, apenas filmes. Então você começa a reparar nos vários cartazes de cinema, alguns da Hungria, nacionalidade de sua família, e outros poloneses – “mestres em artes gráficas nessa área”.

Para onde se olhe, há vidros, latas, rostos, bichos. “Era preciso setorizar as coleções para valorizá-las”, explica Aldi, um adepto do que ele chama de “old glam” misturado com o que há de mais contemporâneo. Para entender o conceito, repare na viga exposta – um elemento brutalista, que ele compõe com o design de várias épocas.

Aldi não para de organizar o vasto acervo do amigo, que está constantemente disposto a trazer mais um livro, mais um objeto, não por compulsão, mas porque com algumas peças ocorre uma espécie de empatia, como se desde sempre ser e coisa se pertencessem. Há de tudo muito, e um muito curioso: um palhaço vindo de Amsterdã; uma inusitada máquina de tricô; acima do bufê, o álbum Ex-Poemas, de Augusto de Campos, em moldura de acrílico, obra presenteada pelo irmão. Às vezes, um item sai de um lugar e vai para outro, e depois outro. Para o morador, “é como um livro não lido”. Até que um dia a peça é decifrada. Ela encontrou o espaço correto, aquele para o qual nasceu. ●



No hall do elevador, naturezas-mortas colecionadas por Paulo formam uma colagem sobre a parede, junto ao vaso branco da Holaria e lustre antigo de Murano. Na página anterior, no alto, o morador no banco da Carbono Design, entre fotos e pôsteres; e, abaixo, radiovitrola que é herança de família, camiseta vintage da cantora inglesa Siouxsie Sioux (emoldurada por Paulo) e banqueta dos anos 1960



VEJA MAIS
DETALHES
DESTA
APARTAMENTO
NO TABLET



ÁFRICA DO SUL

MEMÓRIAS COMPARTILHADAS

REPLETO DE PEÇAS DE BELEZA
EXTRAORDINÁRIA, ESTE APARTAMENTO
GLAMOUROSO NA CIDADE DO CABO,
NO ÚNICO ARRANHA-CÉU ART DÉCO
DAQUELE PAÍS, REVELA O AMOR DOS
PROPRIETÁRIOS POR MODA, ARTE,
HISTÓRIA E ARQUITETURA

TEXTO GAP INTERIORS/KATE WILSON/
BUREAUX | PRODUÇÃO GAP INTERIORS/
SVEN ALBERDING/BUREAUX | FOTOS GAP
INTERIORS/GREG COX/BUREAUX

A consultora de design
e editora Laureen
Rossouw posa
em frente à parede
folheada a ouro
do quarto do casal.
Na pág. anterior,
a fachada do Mutual
Heights, edifício
que já abrigou banco
e salas comerciais e se
tornou residencial





Os janelões art déco banham de luz a sala de estar, que tem lustre de cristal Delos, sofá de veludo marrom e poltrona de segunda mão, pele comprada no site ebay, mesa de centro laqueada desenhada por Laureen e mesinhas laterais da Tonic Design – em primeiro plano, a mesa lateral de Eero Saarinen apoia um cinzeiro de cobre do ourives de prata dinamarquês Georg Jensen

A sala de jantar revela mesa de aço de estilo Trek, do designer Gregor Jenkin, duas mesas meia-lua com tampo laqueado, cadeiras de igreja achadas num brechó e candelabro de cobre e candelabro de cobre de Michael Guy. Na pág. seguinte, à esq., a escada que leva ao mezanino; e, à dir., vista de parte da cozinha e do mezanino envidraçado, que abriga o quarto da filha dos Rossouw



Talvez este seja o apartamento mais famoso da Cidade do Cabo. Para começar, ele se localiza no oitavo andar do Mutual Heights, uma obra-prima de 1939 assinada por Fred Glennie, que é reconhecida como o único prédio art déco da África. Depois, há as vistas deslumbrantes da Table Mountain, visível das janelas que vão do chão ao teto. Há ainda o fato de que este ex-edifício de escritórios foi um dos primeiros a ser convertido em espaço residencial no coração da cidade. Desde que isso ocorreu, quase dez anos atrás, o imóvel já recebeu celebridades de várias áreas – de expoentes do design a atores de Hollywood (recentemente, estrelou como morada de Mandy Patinkin em um episódio de *Homeland*.) E tudo porque, em 2005, foi descoberto pela família Rossouw – principalmente Laureen Rossouw, consultora de design, ex-editora da *Elle Decoration South Africa* e especialista em enxergar além da superfície das coisas.

Foi graças a esse dom que, após ver apenas o antigo hall que já abrigou um banco, preservado com as peças originais folheadas a ouro, as colunas de mármore vermelho e os balcões de mogno, Laureen e o marido, Koos, compraram três apartamentos. “Eu vi e me mudei”, diz Laureen. Como eles foram os compradores inaugurais, os arquitetos do escritório Louis Karol, que renovou o edifício, os ajudaram a juntar as três unidades e personalizar os interiores, transformando o conjunto em uma morada de 200 m² cheia de luz natural e com pé-direito duplo.

“Era um projeto e uma oportunidade fantásticos”, conta Laureen. Para acompanhar a arquitetura sóbria do prédio, ela manteve os interiores simples, e a paleta de cores, discreta. Depois introduziu toques de excentricidade e humor. “Dá para se divertir com as linhas rígidas do estilo Bauhaus”, diz ela em relação a seu período preferido.



Logo na entrada, o piso de *parquets* recebe os visitantes que entram pela porta dupla. À direita, a cozinha fica isolada por painéis de vidro, como nos restaurantes contemporâneos. A área de estar, que Laureen descreve como sua “sala de espera”, é mobiliada com cadeiras curvilíneas dos anos 1950, um sofá de veludo marrom (todas são peças de segunda mão) e uma mesa de centro laqueada que a própria moradora desenhou, ladeada por duas mesinhas douradas da Tonic Design. O resultado é um espaço que parece pronto para uma recepção grandiosa.

A sala de jantar apresenta mais itens raros – cadeiras de igreja descobertas em um brechó, uma mesa de aço do designer sul-africano Gregor Jenkin, um armário de boticário que serve para exibir criações de artistas locais e uma linda penteadeira francesa de madeira, customizada com puxadores de pedras semipreciosas. Dali, portas de vidro com moldura de aço de ambos os lados levam ao quarto principal, à esquerda, e à biblioteca-escritório-sala de TV, à direita. Na biblioteca, um relógio de estação de trem preso à parede domina uma estante de aço lotada de livros que chega até o teto. O quarto principal revela mobília simples, feita sob medida, que ganha ambientação dramática com uma parede inteira folheada a ouro. Sobre a cozinha, o mezanino envidraçado abriga o quarto da filha menor dos Rossouw, Laura.

Nestes cantos memoráveis, cheios de peças originais e design sob medida, móveis e objetos adorados pelo casal compõem um acervo que presta homenagem a todos os grandes amores da vida de Laureen e Koos: os filhos, história, arte, decoração, livros, seu legado e sua cidade. “O que eu mais amo em morar aqui é que você se sente parte da Cidade do Cabo. Não pertence apenas a nós, precisamos compartilhar.” E foi o que eles fizeram permitindo esta reportagem, com enorme generosidade. ●



Tradução: Ana Ban



O quarto do casal tem parede folheada a ouro, quadros com pinturas botânicas da artista Frauke Stegmann (que servem como cabeceira), duas luminárias de leitura Kaiser Idell, design Christian Dell, e colcha da Saint Verde. Na pág. anterior, à esq., vista da biblioteca, com relógio vitoriano de estação de trem e estante de aço em dois níveis; e, à dir., o terraço, com deque de madeira, dá vista para o morro Signal Hill



Carrô posa com os cães Brigitte (*no colo*) e Fellini no living, que tem *boiseries* cobertas por quadros de sua autoria e outras peças garimpadas, abajur de bode encontrado em antiquário e mesa de pés palito adquirida do Hotel Cambridge

BRASIL

es. qui. si. ti. nhô

OS EXÓTICOS ACHADOS DE CARRÔ SCHAMALL TOMAM TODOS OS ÂNGULOS DE SEU APARTAMENTO EM SÃO PAULO E REVELAM UMA PERSONALIDADE INTENSA. ELES COMPÕEM UMA MIRÍADE DE HISTÓRIAS INUSITADAS, PRONTAS PARA SEREM DESCOBERTAS POR QUEM GOSTA DE OUSADIA
TEXTO CAROL SCOLFORO | FOTOS ARTHUR ROSA



No hall de entrada, com paredes revestidas de papel inglês, Carrô saboreia o chá na xícara herdada da avó Rebeca. Na pág. anterior, a sala de jantar tem mesa e cadeiras originais dos anos 1960, adquiridas em um garimpo, e o aparador-bar é mais uma aquisição do antigo Hotel Cambridge – sobre ele, quadro bordado comprado num bazar, e lustre presenteado por dona Cecília, do antiquário Brasil Antigo



Da esq. para a dir., partindo da pág. anterior: a área de hidromassagem idealizada pelo amigo Paulo Corrêa – o espaço é revestido de grama sintética; o banheiro renovado tem banheira vitoriana original, encontrada no Rio de Janeiro; penteadeira no quarto reúne objetos de Carrô; ainda nesse ambiente, a escrivaninha antiga faz par com um dos raros itens novos: a cadeira Donna, design Fernando Jaeger

A vó francesa, mãe egípcia, sobrenome austríaco. A diretora de arte Caroline Schamall, Carrô, é como um caleidoscópio, que atrai com suas cores assim que abre a porta do apartamento no bairro de Santa Cecília, em São Paulo. Seu mundo fica em um prédio de 1957 e mistura o kitsch a referências de toda sua trajetória à frente de produções e pesquisas de objetos. Nada o resume – a casa não está pronta nunca. Pistas começam a ser decifradas por uma bem-resolvida curadoria de peças vintage, loucas para contar de onde vêm. Curiosidade, surpresas e risadas garantidas. Melhor com o chá de camomila e mel, que ela prepara.

O imóvel de 106 m² surgiu há dois anos na vida de Carrô. A localização, que permite andanças em busca de objetos, foi um dos fatores de peso na compra. O amplo pé-direito e os janelões abertos para a efervescente rua Baronesa de Itu também contaram pontos. “Estava bem detonado, com paredes texturizadas, mas encarei”, diz. Esse é só o início. Depois disso, veio o amigo e arquiteto Paulo Corrêa e suas ideias bárbaras, como instalar uma banheira de hidromassagem na antiga dependência de empregada, com deque de grama sintética. No living, que integra estar, jantar e escritório, *boiseries* cobriram as odiadas texturas das paredes. Nelas, cores escuras injetam certo drama. Itens de muitos tipos e épocas se exibem. Os espaços estão repletos de gente – há fotografias antigas, até de desconhecidos, como os parentes da amiga Drika Araújo, que doou a Carrô sua linhagem em retratos, sabendo do gosto da moça. Ela mora só, mas cercada de olhares. Em sua companhia, o simpático casal de papillons Brigitte e Fellini em breve se multiplica, como tudo por ali – a cadelinha espera uma ninhada de seis filhotes.

Beauty: Mari Kato, com produtos Nars e bareMinerals | Assistente de beauty: Claudia Riston

Para entender como surgiu o entusiasmo pelos objetos, ouça dela a história do começo da carreira, época em que fez produção para um longa-metragem estrelado pelo lendário Zé do Caixão. Naquele tempo estudou artes plásticas e descobriu-se garimpeira. Não parou mais: daí vieram pesquisas, uma loja que montou vendendo seus achados e procuras incansáveis por raridades. “Apesar de ter cara de fresca, eu sou peão. Visito até mercados do interior em busca de coisas”, entrega. Nada é caro. Sua coleção é excêntrica e especial. “Acho ruim comprar tudo novo. Prefiro gastar com viagens, a melhor escola da vida é viajar.” Com essa bagagem, além de estrelar publicidade e dirigir produções, Carrô cria: pinta pratos e quadros, inventa peças – como um espelho iluminado com fundo infinito – e borda toalhinhas, exercitando a habilidade com as agulhas que herdou de dona Olga, avó paterna. O magnetismo continua em outras obras expostas, que inevitavelmente ganham um penduricalho, ou outra intervenção imaginada pela moça, para fazer com que quadros, frascos e até vasos de plantas saiam do comum.

No fim, importa apenas que o conjunto tenha simetria. “Gosto das coisas cafonas, sim. Amo, por exemplo, meu telefone que é um periquito, e os olhos se acendem quando toca”, diz. Entram e saem peças sempre. Muitas requerem esforço próprio, como a mobília dos anos 1950 adquirida do antigo Hotel Cambridge. “Tivemos de descer e subir várias vezes os 15 andares de escada, carregando tudo nos braços. Mas valeu. Olha esses pés palito!”, orgulha-se. O resultado é meio fantasioso, meio kitsch, e ainda tropical, como a própria moradora define em uma só palavra: “É esquisitinho”, ri. ●

VEJA MAIS CANTOS DESTA DÉCOR NO TABLET



GUATEMALA

MISTURA MODERNA

LOCALIZADA NA CIDADE DA GUATEMALA, A MORADA DE UM CASAL APAIXONADO POR DESIGN COMBINA MÓVEIS DE CHARLOTTE PERRIAND E VLADIMIR KAGAN A CERÂMICA MAIA E ACESSÓRIOS ESTAMPADOS – UM MIX BEM DOSADO DE ÍCONES DO DESENHO COM ARTESANATO LOCAL

TEXTO TOM DELAVAN/THE NEW YORK TIMES
PRODUÇÃO GAY GASSMAN | FOTOS BEN HOFFMAN



Rodman Primack (à esq.) e Rudy Weissenberg no jardim interno da casa. Na pág. anterior, a sala de jantar tem cadeiras Brno, design Mies van der Rohe, herdadas dos avós de Weissenberg, e ladrilhos com estampas desenhadas por Primack



No hall de entrada, obra de Assumê Vivid Astro Focus na parede, vasos de cerâmica maia e piso de ladrilho cerâmico de Dario Escobar. Na pág. seguinte, a sala de estar tem lareira de ferro e trabalho na parede do artista mexicano Gabriel Kuri, da Galeria Kurimanzutto, da Cidade do México





O balcão da cozinha tem companhia das banquetas de Assume Vivid Astro Focus e o tapete multicolorido é um patchwork de tapetes menores garimpados em lojas da região. Na pág. anterior, no alto, obra de Dario Escobar acima do sofá em balanço de Johann Wolfsehoon para a Sketch; e, abaixo, Primack e Weissenberg em cadeiras vintage de Charlotte Perriand



Plantas em vasos cercam a entrada para a ala de Primack e Weissenberg. Na pág. anterior, acima, à esq., quarto do casal, com quadro colorido de Dennis Leder, da galeria Sol del Rio, e tapete de Mitchell Denburg; à dir., a parede do lavabo exibe trabalho de Mauricio Esquivel, da Projectos Poporopo; e, abaixo, o corredor tem instalação de caixas de Simón Vega e obra de Walterio Iraheta na parede



Para a maioria dos adultos, voltar a morar com a mãe poderia ser sinal de má sorte. Mas para Rudy Weissenberg e Rodman Primack, empreendedores itinerantes da área de design, foi uma maneira de retomar a vida em família e criar raízes em um local que amam. Ao longo dos últimos 17 anos, conforme suas carreiras os levaram a cidades como Londres, Los Angeles, Nova York e Miami, onde Primack assumiu o cargo de diretor geral do Design Miami, eles nunca conseguiram se fixar em um lugar. Mas isso começou a mudar há alguns anos, quando Weissenberg passou a ir regularmente para a Cidade da Guatemala a fim de conduzir os negócios da família e considerou, então, se estabelecer em sua cidade natal. Após uma busca infrutífera por uma casa que atendesse às suas exigências, o casal percebeu que a melhor opção era simplesmente reformar uma ala pouco utilizada da residência onde Weissenberg cresceu. A mãe dele ficou encantada com a decisão. Porém, o filho lhe colocou uma condição: “Que ela sempre batesse antes de entrar – ou nada feito”.

Um tour pela morada mostra o quanto a transformação foi radical. “Esta costumava ser nossa sala de jogos”, diz Weissenberg a respeito do salão amplo e aberto, com pé-direito de 5,5 m, onde foi instalada a cozinha e a sala de estar. A sala de jantar anteriormente abrigava uma banheira de hidromassagem e a sauna, e o quarto do casal já foi habitado pelo irmão do proprietário. Apesar da coleção de design contemporâneo e vintage da dupla, a residência tem um ar tipicamente guatemalteco. Em meio a um sofá de Johann Wolfschoon para a Sketch, cadeiras de Charlotte Perriand e peças de galerias de todo o mundo, destacam-se viçosas plantas tropicais, cerâmica maia, acessórios têxteis da América Central e armários de madeira guanacaste, típica da Costa Rica.

Durante os dez meses da reforma, Rudy passou a explorar a cena artística local e decidiu abrir espaço para trabalhos de artistas emergentes. “Algumas propostas são provocativas demais para grande parte das pessoas daqui”, conta ele. No corredor que liga ao lado da casa ocupado pelo casal com o restante, há uma obra de Walterio Iraheta – uma parede pintada com um texto em que se lê “Superputa”. “Minha mãe ficou horrorizada.”

Embora ele não tenha formação em design (trabalhava com commodities e foi produtor de TV), ao longo dos anos acumulou experiência em curadoria de projetos nessa área. Rodman, além do Design Miami, comanda duas empresas, uma de design de interiores e outra de tecidos, e tem atividades centralizadas em New York e Miami. “Por que escolher um único lugar, se não é preciso?”, diz Weissenberg a respeito da opção do casal de se dividir entre essas localidades e a Cidade da Guatemala. Eles acham que foi a estabilidade de seu relacionamento que lhes permitiu harmonizar esse amplo espectro de interesses. Para o guatemalteco, o retorno à morada de sua infância foi uma forma de conectar a vida que deixou há 22 anos à que construiu com Primack. A iniciativa uniu suas famílias de forma inusitada: em visita ao casal, a mãe de Primack se encantou com a casa e resolveu também procurar um lar na Cidade da Guatemala. A reação da sra. Weissenberg foi tipicamente materna. “O coração cresce”, diz ela, sorrindo. ●

CIDADÃO DO mundo

COM PROJETOS ESPALHADOS POR VÁRIOS CONTINENTES, O DESIGNER-GLOBETROTTER PHILIPPE STARCK FALA SOBRE OS SEUS LUGARES PREFERIDOS NA EUROPA, AMÉRICA E ÁSIA. SÃO DICAS PRECIOSAS PARA SEGUIR AGORA!

POR BETA GERMANO



NY GRILL, TÓQUIO



PALAZZO FORTUNY, VENEZA

Qual é o melhor lugar do mundo para tomar café da manhã? Amo o pequeno café de esquina do Enrico, em Burano, na Itália. Não apenas pela comida, mas por causa de todas as pessoas que frequentam o local (especialmente os idosos). Eles moram juntos nessa ilha há séculos e ainda se amam profundamente.

Quais são os seus museus preferidos e por quais motivos? Primeiramente eu citaria o Palazzo Fortuny, em Veneza, pela qualidade da luz, e o Palais de Tokyo, em Paris, pelas surpresas e confusão de energias cósmicas. Também adoro passear pelos Giardini, onde acontece a Bienal de Arte, naquela cidade italiana. Todos os pavilhões escondidos entre as árvores são agradabilíssimos e representam, para mim, o modelo de urbanismo ideal.

E as lojas de museu? Onde o seu lado *shopaholic* mais aflora? Costumo gastar uma fortuna em coisas lindas e inúteis nas lojas do MoMA de Nova York e San Francisco.

Depois de apreciar obras de arte e comprar tantas inutilidades, vale tomar um drinque para fechar o dia com chave de ouro, certo? Quais são os seus bares prediletos? Voto no Chiltern Firehouse, em Londres, por causa dos vestidos das garçonetes. São tão chics! Já no Hotel Chateau Marmont, em Los Angeles, é possível tomar uma taça de champanhe num delicioso jardim, onde todos os sonhos são construídos. Gosto ainda do bar do Park Hyatt de Tóquio, pois você tem o NY Grill ao lado, caso fique bêbado. No entanto, o melhor squashed whisky sour do mundo é servido no Bulgari Hotel, em Milão.

PALAIS DE TOKYO, PARIS



Cortesia Imm Living (cachorro do MoMA SF), cortesia Made By Humans (coelho do MoMA SF), Florent Michel (Palais de Tokyo), Getty Images (Blenheim Palace), Paolo Utimpergher (Palazzo Fortuny) e divulgação

BLenheim PALACE, OXFORDSHIRE



MOMA STORE, NY E SAN FRANCISCO



RISTORANTE QUADRI, VENEZA

E qual é, para você, a pista de dança mais divertida?

Qualquer lugar onde você possa dançar com a pessoa que ama, mas eu tenho boas memórias das festas Body & Soul [já extinta], no Vinyl, em Nova York: as pessoas dançavam no domingo à tarde sem álcool. Era um clima amigável e *cult*.

Onde você acha as melhores peças de design?

Amo procurar móveis e objetos charmosos em *flea markets*. Meus melhores achados estavam nas feiras de Saint-Ouen, em Paris, e do Rose Bowl, em Los Angeles. Também adoro bisbilhotar nas barracas da Feira da Ladra, em Lisboa.

E quais são os restaurantes mais inesquecíveis e eternos?

O Caffé Stern, em Paris, pelo seu romantismo; o Ristorante Quadri, em Veneza, pela comida maravilhosa; o Fasano, em São Paulo, pela elegância; o Acme, em Nova York, por sua personalidade; e o recém-inaugurado Heimat, também em Paris, pelo seu futuro brilhante.

Você disse que o segredo do sucesso é simples: trabalhar muito. Para onde você vai quando precisa descansar?

A cada quatro meses eu passo 12 dias no spa Buchinger Wilhelmi, em Marbella, na Espanha. Não pela comida e não pela decoração, mas para fazer jejum [à base de chá e caldo leve] e reorganizar o meu cérebro.



FEIRA DA LADRA, LISBOA



CHILTERN FIREHOUSE, LONDRES



FASANO, SÃO PAULO

E o que você mais gosta de fazer lá? Ler.

E qual é a sua livraria preferida? Como eu viajo muito e não consigo carregar centenas de livros para todos os lados, só compro na iTunes Store.

O contato com a natureza também deve ser importante nesse processo de reestruturação das ideias. Quais são, para você, os parques mais inspiradores do mundo? O Parc des Buttes-Chaumont, em Paris, pois ele foi criado por uma fada e, ao mesmo tempo, por uma bruxa. Já o Palácio de Blenheim, perto de Londres, nos faz compreender a maravilha de quando o homem trabalha com a natureza, respeitando-a.

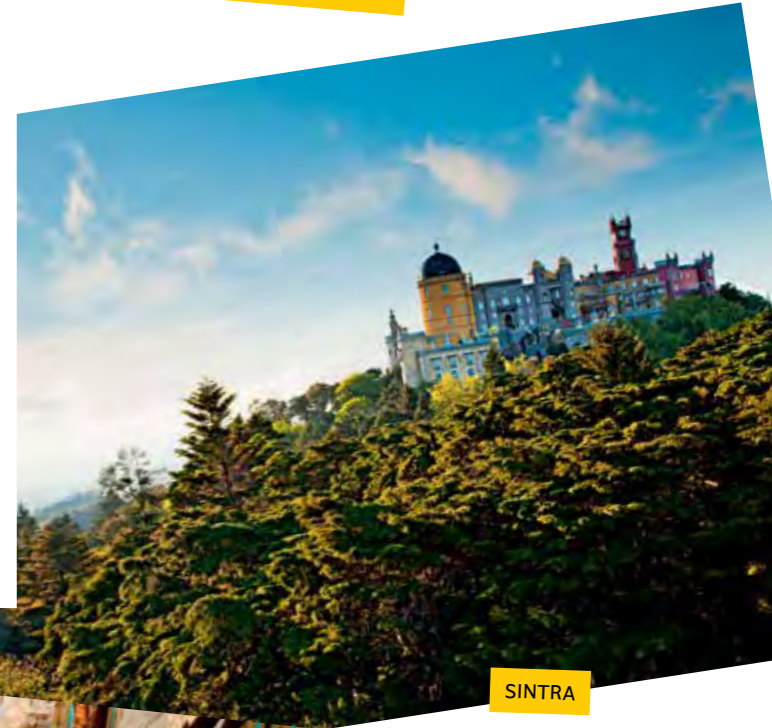
Ainda sobre endereços sublimes: quais os hotéis mais especiais do mundo? O La Co(o)rniche, na Pyla-sur-Mer, perto de Bordeaux, pelo pôr do sol, pelos bancos de areia e as grandes ondas. E ainda The Standard, em Nova York, pela vista incrível do Hudson de três ângulos diferentes, sem falar no The Royal Monceau, em Paris, por causa de um fantasma que ainda vive por lá!

E quais são os programas para ter novos e bons insights? Dar uma volta de bicicleta nas montanhas de Sintra, em Portugal, fazer um passeio de moto em qualquer lugar da Índia, ou de barco, em um pântano. ●

Fotos: Getty Images (Feira Ladra), Glow Images (Sintra e Índia), Jamie Orlando (Chiltern Firehouse), Nikolas Koenig (The Standard) e divulgação



THE STANDARD, NOVA YORK



SINTRA



ÍNDIA

NOITE ESTRELADA

DURANTE A PASSAGEM DE PHILIPPE STARCK POR SÃO PAULO, NO MÊS PASSADO, PARA A ABERTURA DE SUA LOJA TOG E A FINALIZAÇÃO DESTA EDIÇÃO, DA QUAL ELE FOI GUEST EDITOR, A CASA VOGUE ORGANIZOU UM JANTAR EM TORNO DO DESIGNER. O CARDÁPIO EXPLOROU OS SABORES TÍPICAMENTE BRASILEIROS, AO PASSO QUE OS DELICIOSOS DRINQUES TROPICAIS LEVARAM A ASSINATURA DA ABSOLUT ELYX

FOTOS LUCIANA PREZIA

veja mais fotos em www.casavogue.com.br



André Kovesi, Philippe Starck, Tajsa Buescu, Jasmine Starck e Alexandre Frota



Marcio Barboza



Ricardo Diniz, Philippe Starck, Arturo Piñero e Alexandre Frota



Amir e Daiane Shahrouzi



João Saccaro e Angelo Derenze



Sammy e Sandra Bork, Philippe e Jasmine Starck e Helio Bork



Starck com Rogério Fasano



Romeu e Adriana Trussardi



Laura Ahrons e Luciano Mandelli



Patricia Graicar e Carol Frydman



Edson Gaidzinski Jr., Alvin Rauh Neto e Rui Hess Neto



Thiago Breseghello e Edson Busin



Gustavo e Marcelo Orlean com Starck



Liliana Tuneu, Ernesto e Lili Tzirulnik



Raul Penteadó



A Absolut Elyx preparou os drinques tropicais



Marcelo Felmanas



Marcel e Anette Rivkind



Fernanda e Gabriel Saez

castelos no ar

Um palacete com fachada inspirada na arquitetura germânica do século 19, rodeado de árvores, repousa sobre uma torre monolítica e monocromática de 12 andares, com linhas puras e totalmente revestida com painéis de vidro. Parece uma visão surreal? Pois esta era justamente a intenção de Philippe Starck ao idealizar este hotel na cidade francesa de Metz. Com abertura prevista para 2018 e nome ainda não revelado, este é o primeiro projeto hoteleiro a ser pensado integralmente pelo designer – interiores e arquitetura. O empreendimento contará com 90 quartos, nove suítes, *fitness center*, salas de reunião e dois restaurantes – um deles ocupando a *villa* instalada no topo, que deverá proporcionar vistas de tirar o fôlego, já que este será o edifício mais alto das redondezas. starck.com ●

